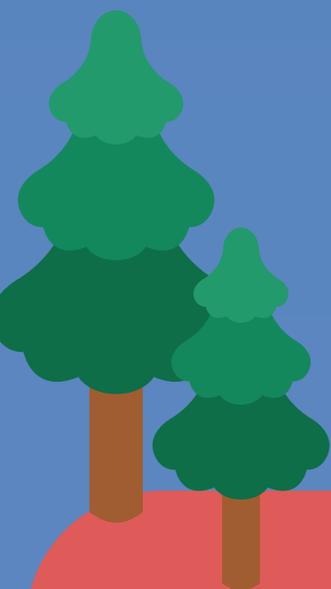




JUVENTUDE ESCRITORA FLORESCENDO A CIDADE



COORDENAÇÃO EDITORIAL

Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo

Fátima Caixinhas Daudt

Secretaria de Cultura de Novo Hamburgo

Ralfe Thiesen Cardoso

Alex Lassakoski

Departamento de projetos socioculturais

Roberta Soares Cornely

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Amanda Walendorff Moraes

Melanie Hersing de Lima

REVISÃO DE TEXTO

Caroline Rovêda

ASSISTENTES DE EDIÇÃO

Everlim Pereira do Couto

Luana Zimmer

FICHA CATALOGRÁFICA

J97

Juventude escritora: florescendo a cidade / organização
Secretaria da Cultura de Novo Hamburgo. – 1ª ed. Novo
Hamburgo: SECULT, 2024.

1. Literatura brasileira. 2. Miscelânea. 3. Jovens escritores
4. Escrita criativa I. Secretaria da Cultura de Novo Hamburgo,
org. II. Título.

CDU 821.134.3(81)-8

APRESENTAÇÃO

O Concurso Juventude Escritora é uma iniciativa da Secretaria Municipal da Cultura, pelo setor de Projetos Socioculturais e por meio da Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis.

O presente Concurso está baseado na Lei nº 13.696/18 – Lei da Política Nacional de Leitura e Escrita - artigo 3º, inciso III - Valorizar a leitura e o incremento de seu valor simbólico e institucional por meio de campanhas, premiações e eventos de difusão cultural do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas; inciso V – Promover a literatura, as humanidades e o fomento aos processos de criação, formação, pesquisa, difusão e intercâmbio literário e acadêmico em território nacional e no exterior, para autores e escritores, por meio de prêmios, intercâmbios e bolsas, entre outros mecanismos.

O Concurso tem o objetivo de estimular a escrita criativa, cultivar o hábito da leitura e promover produtos textuais de estudantes do ensino médio das escolas públicas estaduais e particulares do município de Novo Hamburgo. Contando com a participação efetiva dos (as) professores (as), para orientarem esses estudantes na produção literária, objetiva-se ainda o desenvolvimento da capacidade de livre expressão criativa, assim como a formação de jovens críticos e conscientes, capazes de pronunciar o mundo – seus sentimentos e ideias - por meio de narrativas escritas.

Este livro e-book é dedicado a todos e todas os/as jovens que sonham, que acreditam no poder das suas ideias, que buscam transformar o mundo ao seu redor e que sabem que o futuro começa com o que fazem hoje. Que cada página inspire coragem, criatividade e a certeza de que o impossível é apenas um desafio esperando para ser vencido. O mundo pertence a vocês, que acreditam na beleza dos seus sonhos.

2022

ACHO QUE NÃO TE CONHEÇO MAIS	08
AFETOS	09
APENAS UMA SEGUNDA-FEIRA	10
DIAS TEMPESTUOSOS	11
DOCE COMANDANTE	13
EXPOSED DAS REDES SOCIAIS	15
FICAR	16
INSPIRAÇÃO	18
O DIA SETE	19
O MUNDO INTEIRO NAQUELA MADRUGADA	20
OUTRA LINHA RETA	21
SAUDADE	22
SEMPRE O MESMO, MAS DIFERENTE.	23
SOBRE VIVER E ESCREVER	24
TOC-TOC: QUEM É?	25
TODA DOR QUE HÁ EM MIM	27
UMA CARTA PARA VIDA	28

2023

A ANSIEDADE CAUSADA PELA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS	30
A BALA QUE ABALA	31
A GAROTA PASSANDO	32
A MINA FOGO-ÁGUA	34
A NOITE COM AS ESTRELAS	36
A VELHA MORTE	38
A VIDA À MARGEM	39
ADEUS ÀS LÁGRIMAS	40
ÁGUAS TRISTONHAS	41
AO LADO DA DOR!!!!	42

ASAS E CHAMAS	43
CARO GONÇALVES DIAS!	45
CARTA PARA O AMOR DO FUTURO	46
CINCO MINUTOS	47
COISAS DO DESTINO	48
COMPLICADA VIDA DE CENTOPEIA	49
EU SEI	52
GUERRA	54
HERÓIS	55
HUGINNE MUNINN	57
INFÂNCIA DE LIBERDADE	58
INÍCIO DO FIM	59
LUA	60
MARATONAS	61
MEU AMOR	62
O AMOR QUE FAZ FALTA	63
O JARDIM ÁUREO	64
O MÉDICO ATRAPALHADO	65
O QUE É AMOR?	67
ONDE ESTÁ VOCÊ, MALDADE?	69
OS POETAS AMAM	70
OS VISITANTES DO ZOOLOGICO	71
PRIMEIRO DIA	72
REFLEXÃO SOBRE O BRASIL DE HOJE	73
SÓ ACONTECE COMIGO	74
SOLDADO 19	76
TARDE	78
UM SONHO DESTINADO À VINGANÇA	79
VERDADES PARA SEMPRE	81
VOCÊ MULHER!	82



JUVENTUDE ESCRITORA 2022



ACHO QUE NÃO TE CONHEÇO MAIS

Isabella Kautzmann Meurer | Escola de Aplicação Feevale

Mas lembro-me das brincadeiras em que esgotávamos toda nossa imaginação para inventar.

Lembro-me que nossa maior dificuldade era escolher um nome para cada bichinho de pelúcia que tínhamos.

Lembro-me de como acordávamos cedo só para assistir nossos desenhos preferidos.

Lembro-me de todos os nossos sonhos inalcançáveis.

Mas tu mudaste.

Teu olhar, tuas emoções, teus pensamentos, tuas ações,

Tudo mudou.

Tu não vês mais alegria nas coisas como antes.

Tu passas teu tempo te comparando com outros corpos.

Tu passas tuas noites deitada, em teu travesseiro chorando. Com medo do futuro, com medo de não ser suficiente.

Tu não achas a vida tão espetacular como antes;

Tu não vês mais sentido nela.

Eu poderia mentir e falar que somos iguais, mas eu não te conheço mais...

Querida garota no espelho.

AFETOS

Laura Schmidt Silva | Fundação Evangélica de Novo Hamburgo

EXPECTATIVA: acordo com um lindo som de pássaros. Levanto, arrumo-me, já escutando minha família e minha playlist. Abro minha janela, conseguindo ver o nascer do sol. Organizo meus materiais e meu quarto. Vou para o andar de baixo e logo vejo uma mesa linda de café da manhã. Todos conversamos, comemos e ficamos prontos para começar nosso dia. No tempo livre, antes de sair, jogamos conversa fora. Saímos juntos. Meu pai vai para o trabalho. Minha mãe me leva para a escola e depois leva meus irmãos. Ao chegar, despeço-me com um abraço. E assim, inicia-se mais um dia na vida de nossa família.

REALIDADE: acordo com o som de tortura: o despertador. Levanto, me arrumo no maior silêncio possível. Abro a janela, arrumo minha cama e meus materiais para mais um dia de aula. Silenciosamente, vou para o andar de baixo, onde tomo café... sozinha! Tenho uns minutos antes de ir, então fico de bobeira no meu telefone. Desço. Minha carona chega, entro e parece um cemitério: ninguém fala, só o rádio dizendo como está o tempo e as novidades do dia. Ao chegar, as únicas palavras são “Bom dia”. E assim, inicia-se mais um dia na vida de nossa família.

APENAS UMA SEGUNDA-FEIRA

Maria Vitória Weber da Rosa | Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini

Passo por essa cidade dia após dia, não vejo movimentos, não avisto as cores, vida e pureza das flores. Está tudo destruído? Ou só minha mente desmoronando?! Meus olhos estão queimando com a luz deste esplêndido sol radiante, em uma segunda-feira sem cor e sem vida, apenas iluminada.

Tentando me equilibrar na calçada, escuto um som. Na verdade um latido, calmo e baixo, me aproximo de uma caixa um tanto grande, avisto um belo cachorrinho, pequeno como uma bola de pelo, os olhos pequenos, mas um tanto brilhantes, uma coleira apertando seus pelos brancos como neve. Não posso levá-lo, pois deve ter um dono em busca de achá-lo, mas darei comida, pelo menos até o encontrarem. Seus lindos olhos me cativaram como um céu azul cheio de estrelas. Ele me cobriu de glórias e me fez magnífico.

DIAS TEMPESTUOSOS

Bárbara Staudt | Colégio Estadual 25 de Julho

As gotas d' água caem grossas e frias, molhando minhas botas de couro falso e gelando meus pés. A escuridão domina a rua e nem parece que ainda são quatro da tarde. Os prédios, lojas e cafés estão com uma aparência mórbida, como a Catedral de Notre-Dame, quase posso ver estátuas pavorosas de gárgulas ganharem vida e voarem pelos arredores da cidade. Será que ficariam parecendo ratos do esgoto como eu?

Aprendi duas lições hoje. A primeira é: sempre levar um casaco reserva, mesmo que seja num verão com um sol escaldante e suor escorrendo pelo corpo, que te faz pensar se o inferno é mais ou menos parecido ou mais frio, independente disso, levar casaco. E a segunda é que a calçada é muito desconfortável num dia chuvoso, ou em qualquer dia, ainda mais quando você tropeça numa irregularidade do concreto e cai de bunda numa poça de lama. Esse é meu dia, tenho quase certeza. Só não dou um grito em comemoração porque não tenho forças para tal ato, provavelmente viraria pó e cacos de vidro, seria carregada pela água para dentro do oceano e mataria os golfinhos.

Quando estou virando a esquina e chegando em casa, a chuva para um pouco e os céus se contentam em deixar cair apenas uma chuvinha daquelas que só nos agraciam no auge do verão e te fazem pensar: Tomar banho de chuva e pegar uma mísera gripe ou voltar para dentro e vegetar olhando para as paredes? Todos sabemos a resposta.

Apesar dos incidentes idiotas de hoje, eu amo a chuva. Teve um tempo em que eu odiava qualquer resquício de tempo nublado, sentia que os dias chuvosos eram como aquelas cenas de um filme em que tá dando tudo errado e o protagonista estragou tudo, perdeu a batalha e decepcionou um time de basquete inteiro. Mas neste instante, com o vento serpenteando por entre as construções excêntricas, a água escorrendo das janelas, as pessoas se misturando à paisagem com seus guarda-chuvas coloridos, meu cabelo pingando e molhando as costas da minha camiseta, acho que nunca quis estar em outro lugar. O que me faz lembrar que é também, nessa parte do filme que o protagonista se cansa do limbo e resolve comprar cola no bazar mais próximo, consertar os corações que quebrou e no caminho roubar uma espada de uma barraca de quinquilharias e vencer a guerra. Depois vem o final feliz.

Precisamos da chuva, desses momentos melancólicos e solitários, para arrancar o band-aid da ferida e seguir em frente. Para que possa haver mais dias ensolarados. É como se os dias de sol não pudessem existir sem as tempestades. Um coexistindo com o outro. Em perfeita sintonia.

Desde então, gosto de dias cinzas. Me fazem refletir. Apesar de estar sempre pensando, têm muitas das coisas que tento deixar para lá, no fundo da mente, dentro de uma caixa lacrada com o enunciado "Em nenhuma circunstância abra", escrito com marcador permanente com letras quase ilegíveis, que acabo me permitindo pensar enquanto observo o líquido escorrendo dos telhados.

Adoro minha residência na Lua, ela tem uma janela na varanda que dá para um jardim de meteoros. Uma página em branco. Um milhão de possibilidades e advérbios e sonhos nebulosos. Eu nunca saberei o que faz, cada escritor que existe, escrever.

Acho que alguns já são decididos o suficiente para saber que usar vírgulas e cheirar livros é sua paixão. Alguns acabam deixando as ondas os levarem e quando chegam à costa, percebem que nunca quiseram estar em outro lugar. Acho que me encaixo na segunda opção. Nunca foi meu sonho ganhar a vida mentindo. Apenas percebi que adoro mentir.

"Qual o problema em viver no mundo da lua?" foi o que li em algum lugar. O que me fez refletir que, na verdade, acho que nunca estive na Terra. Talvez eu estivesse em qualquer buraco escuro do Universo, talvez nem mesmo na Via Láctea, sei lá, só sei que nunca passei pela Terra, e bom, se passei, odiei e simplesmente evaporei com meus dinossauros para outro lugar.

DOCE COMANDANTE

Maria Karolina Putten Reis | Colégio Estadual 25 de Julho

Um gentil dia de verão de 1926 era nosso cenário. Na singela cidade de Takayama, localizada na província de Gifu, os cidadãos estão à beira de seu famoso festival de primavera, com alegorias brilhando e refletindo ouro, teatros de fantoches encantadores e comemorações em honra a pedir uma boa colheita ao seu deus Daikokuten. Ao centro das ruas estreitas de Sanmachi Suji, uma jovem de olhos azuis acinzentados como gelo era a que mais se destacava entre todas as outras belas jovens do local. Mesmo não tendo quase nada que a diferenciaria do padrão, Daika Ishigami roubaria os olhares e corações de todos a sua volta por suas doces canções e flores vibrantes. Só lhe era necessário um gentil sorriso que teria todos a sua mão, até mesmo os mais durões. Porém a jovem, com o passar do tempo, se tornava cada vez mais inalcançável e isso se dava por motivos claros: além de Daika ser filha de um militar, a tal ladra de corações era terrivelmente devota de um tal Second Prophecy Cult, de onde não se ausentou por momento algum. A garota não tirava o pé do templo comandado pelo Sacerdote de olhos extremamente coloridos. Tão doce quanto o melhor mel existente. Mesmo que para alcançar o loiro lhe custaria horas de caminhada, o fazer nunca a incomodou.

Perante a bela estação colorida que se aproximava, a jovem fora obrigada a participar do festival local, assim como nos outros anos, porque era a jóia da cidade. Dentro do templo Hie, o festival de Sanno acontecia com toda a comunidade reunida, rezando e pedindo as bênçãos sobre suas plantações, assim deixando as estreitas ruas e humildes casas de madeira, da pequena cidade, vazias. Após horas e mais horas de festival chegaria o momento de encerrar a tal festividade, o que alegrava a jovem de cabelos loiros e pele branca como neve, pois poderia retornar aos pés do amado religioso.

Ao chegar em sua humilde residência, a jovem fora descansar, afinal, amanhã haveria de ser um dia ocupado de rezas perante o templo que andava tendo desaparecimentos frequentes. O que fazia a garota rezeir cada vez mais se sua fé seria boa o bastante, ainda mais após o desaparecimento de uma jovem de quem se tornou amiga, Aiko Suzuki. O súbito chamado do sacerdote a seus aposentos não ajudava para sua ansiedade e seu medo da morte. Entretanto, as doces palavras ditas pelo homem a incentivaram a entregar seu coração a ele, mesmo não podendo o fazer.

Já fazia alguns dias que Daika ficaria ainda mais tempo no templo, o que despertara uma curiosidade no pai da jovem, o qual já não apreciava a tamanha fé da filha nesse culto hediondo, da qual ela não arredaria o pé de dentro nem se obrigada. O progenitor, já sabendo que falar com o loiro não daria em nada, resolveu punir sua filha. Mas por quê? Pois o adulto havia adentrado o quarto alheio na noite passada e encontrado algumas cartas de amor, escritas com muita paixão ao sacerdote nojento. Ao cair da noite, após a chegada da beldade em sua casa, o homem a encurralou contra a parede a questionando:

— O que pensas que está a fazer?! Se entregará a um nojento estrangeiro? Como se pudesse fugir daqui sem morrer lá fora!? Você já me deu desgosto demais Daika! Já passou da hora de lhe punir!

Pelos corredores volumosos da casa ecoavam sons feitos da cinta que batia e punia a garota, estragando o rosto que outrora fora o maior orgulho do militar. A garota só fazia chorar e tentar correr para o lugar mais seguro no momento: o templo do seu amado. A garota de cabelos loiros chegava aos choros e pedidos de socorro, gastando o pouco de vitalidade que a sobrara, para enfim obter o sucesso. Seu pai fora afastado, mas a jovem já não tinha mais como aguentar, estava a se pendurar por um fio de vida. O loiro lhe deu uma sugestão, mas os ouvidos da delicada mulher mal escutavam, ou será que ela apenas não conseguia compreender? Não importa, já que ela findou de aceitar qualquer coisa para sobreviver a essa tragédia. Quando Daika acordou estava se sentindo mais leve, porém, algo em si estava estranho. A jovem podia sentir algo a cair em seu rosto, ao ver o que era, os seus cabelos estavam diferentes do que deveriam ser, os fios loiros se tornaram brancos, o delicado rosto agora continha mais um pequeno par de olhos, espere...Essa não era ela! Estremecendo de medo, Daika estaria prestes a gritar de pavor, porém, fora interrompida por uma gentil e suave mão que cobria sua boca: - Se mantenha calma, nada de ruim aconteceu aqui! Você apenas ficou mais bela e mais parecida comigo. Minha amada! A voz encantadoramente gentil a acalmava, mas, ainda assim, a preocupava:

— Apenas preciso que foque em se fortalecer e ser útil, certo? Querida!?

EXPOSED DAS REDES SOCIAIS

Gabriel Arcanjo Vieira Carvalho | Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini

Como todos sabem, as redes sociais conectam as pessoas e facilitam as interações, encurtando distâncias e aproximando, de certa forma, pessoas que percorreram caminhos diferentes.

Com todas as vantagens da internet, há também as desvantagens. Uma delas é que a própria virou uma terra sem lei, na qual cada pessoa expõe e diz o que bem entende. Assim, posso descrever a nossa rotina nesta dimensão virtual: postamos o dia a dia com aquela alegria contagiante mas, às vezes, por trás da tela, não nos sentimos dessa forma. Nos adaptamos a apresentar nas redes sociais uma vida perfeita, enquanto nosso mundo desmorona do lado de fora. Também faz com que sejamos pessoas encubadas em uma caixa escura, cheia de emoções negativas e problemas mentais, criando um personagem completamente diferente de si mesmo para obter likes e seguidores no Instagram. Em vez de nos resolvermos na nossa vida real, tentamos ignorar ou até esquecer. Mas quando nos deparamos: estamos nos isolando socialmente, ficando desanimados, vendo que não será um dia “trilegal”, ou até mesmo não tendo vontade de viver a realidade.

Observe a sua situação e pergunte-se: como devo utilizar a Internet? Você perceberá que precisa fazer a seguinte alteração no seu uso: controlar o tempo que gasta. Se não consegue se organizar mentalmente, procure um psicólogo, tente montar uma rotina fora dessa mídia social: com leituras, prática de esportes, atividades físicas, algo que te faça bem. Mas não quer dizer que não possa mais fazer uso da Internet, você pode ainda usar, mas de maneira moderada. Ainda existem usuários que usam de forma profissional essa rede virtual, para obter dinheiro fazendo propagandas, divulgando lojas e vendendo produtos, por exemplo. Então, recomenda-se que você faça uso dessa invenção de forma vantajosa e saudável.

FICAR

Heitor Rodrigues Armbrust | Escola de Aplicação Feevale

- Mocinha, consegue me explicar uma coisa?
- O que foi, maninho?
- Hoje eu estava passando ali na frente da sua escola, vi você de beijinhos com um rapaz.
- Ah sim, é o Carlos!
- Não sabia que você estava namorando, você podia ter me contado para eu dar os parabéns ao menino, pelo menos.
- Como assim?
- Ué, você acabou de confirmar que estava beijando o menino!
- E eu estava.
- Então por que essa surpresa na hora que eu falei em parabéns?
- Porque ele não é meu namorado, maninho, que bobo da sua parte.
- Mas vocês não estavam se beijando?
- Bastante.
- Então, como assim não estão namorando? Como você se entrega tanto a alguém que você nem ama? Pare de bobagem e de tentar esconder de mim. Pode admitir tudo, maninha...
- Mas eu não estou escondendo nada! Eu e o Carlos só estamos ficando.
- Ficando juntos? Claro, além do mais vocês estão namorando! É normal um casal ficar junto um do outro.
- Não maninho, ficando de só se beijar e não ter nada sério, eu já beijei muitos outros garotos antes do Carlos.
- Espera, como assim muitos outros antes do Carlos ?
- Poxa, exatamente o que você ouviu! Eu beijei vários garotos até chegar ao Carlos.
- Sim, a gente se apaixona muito antes de nosso verdadeiro amor, eu entendo maninha...
- Mas eu nunca disse que amava eles, só que beijei.
- E tem como beijar alguém sem querer se envolver e amar a pessoa?

— Claro que sim! É só ele ser bonito que eu já fico caidinha.

— Mas e a personalidade dele? Você não liga se ele é um cara legal ou se é uma pessoa má?

— Claro que não! Contanto que queira me beijar, tá tudo certo!

— Eu acho que não estou entendendo. Então você só beijou o Carlos porque ele é bonito? Sem querer conhecer mais, sem querer ter intimidade, sem se apaixonar, sem nada disso, só porque ele é bonito?

— Isso!

— Tá, mas e ele? O Carlos não ficou chateado com isso?

— Às vezes sim, às vezes não. Sei lá, não tive muito contato com ele depois.

— Mas quando você diz “às vezes” você está se referindo a quê? Não vai me dizer que já fez isso mais de uma vez com ele.

— O quê? Tem problema?

— Claro que sim! A meu ver, nós só beijamos aquelas pessoas que nós temos uma conexão especial, quando sabemos que ela vai nos fazer bem, e queremos demonstrar para a pessoa o quanto a amamos por meio de um contato labial, em vez de palavras, conseguimos expressar tudo que sentimos por aquela pessoa apenas por um beijo! Isso é lindo demais para ser desperdiçado assim...

— Oi? Desculpa, o que você tava falando mesmo? Eu não prestei atenção, o Roberto me chamou pra ficar.

INSPIRAÇÃO

Marieli Taila Antunes | Colégio Estadual 25 de Julho

O barulho das ondas,
O cheiro inebriante do mar entrando por minhas narinas,
A areia por entre meus dedos são detalhes, pequenos e insignificantes detalhes.

Assim como a distância que seu corpo ficou do meu,
Um último beijo foi o que eu te pedi naquele breve suspiro.

O mais cômico é estar sentado no mesmo banco que isso aconteceu,
Em vez de pintar o mais lindo quadro de seu sorriso.

Agora me tornou um artista frustrado,
Escrevo vários rabiscos de versos de como um dia te amei.

Na verdade eu nunca te amei,
Apenas me acomodei à sensação de conforto em teus braços.

Talvez eu deva isso à solidão,
De certa maneira, agradeço a ela por isso.

Ganhei um dos melhores passatempos,
Escrever cartas com falsas declarações de amor,
Esperando a próxima “vítima” de minhas palavras,
Ou talvez fique melhor se chamar de próxima inspiração.

O DIA SETE

Larissa Camyly Leandro Gonçalves Marcelo | Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini

O frio na barriga que senti foi o primeiro sintoma de que algo estava fora dos eixos – quem sabe por tudo estar bem demais. Percebi que meu corpo estava em choque, não me respondia. Quem foi o responsável por mandar o comando “braços e pernas: parar; expressão: congelar; coração: acelerar” para meu cérebro?

No entanto, as coisas à volta não haviam morrido. Nem mesmo eu. Me sentia viva demais, como nunca antes. É como se eu estivesse presa a um carrinho de montanha-russa, apenas aproveitando o passeio.

Parecia um dia perfeito. Literalmente era. Estava ciente do belo som do canto dos passarinhos. Um bem-te-vi soou de algum lugar ao longe. O sol quentinho tinha a gentileza de aquecer minhas costas. O céu, de um azul tão intenso, cintilava logo acima, empurrando gentilmente macias nuvens brancas e criando desenhos que, mais cedo, me divertiram a comentar.

Sentia o leve formigar na pele. “Parece que dizer que gosto de você é muito pouco”, ele havia confessado, há cerca de 15 segundos atrás. Vi seus olhos se iluminando, mesmo que ele não estivesse olhando para mim. “Eu entendo..”, respondi, já sentindo as tão conhecidas borboletas no estômago. Ele sorriu de um jeito lindo e envergonhado, que é característico. Foi aí que tudo entrou em colapso. “Eu te amo”, disse com convicção. Eu sabia que não estava mentindo, seus olhos o entregariam. Essas pequenas palavras tiveram o poder de mudar o rumo de tudo e de me dar a oportunidade de desfrutar de um dia perfeito. “Eu também te amo.”

O MUNDO INTEIRO NAQUELA MADRUGADA

Ramona Teixeira | Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini

Naquela madrugada o mundo caía ao redor de mim, e quem dera falar de chuva ou algo assim. Naquela madrugada, o mundo, na verdade, caía dentro de mim. Escutava o som do nada e pensava sobre minha infância, em tudo que, gradativamente, fez-me ser quem sou e saber o que sei.

Acontece que as madrugadas são cruéis e nela tudo não passa de pequenos vestígios retrógrados de uma alegria que já não existe mais. A cada vez que o ar gelado entrava em meus pulmões, anunciando a vida que não desgrudava de mim, um estranho sentimento de completa descrença me tomava. Não conseguia raciocinar, sequer lembrava meu nome e era como se o mundo inteiro incendiasse, embora, fosse só meu todo aquele sentimento. Minha mãe morreu. Esse pensamento ecoava em minha mente e por todo o meu ser. Quando ela partiu, morreu eu, morreu ela, morreu tudo nosso dentro de nós. Pensei conseguir sorrir e estar até bem, mas não foi o que aconteceu.

Agora, nesse momento, sinto precisar de ajuda o tempo inteiro, alguém que me segure, já que meus joelhos querem encontrar o solo e desistir. Contra tudo, há uma força dentro de mim, herdada da mãe que tive, que grita e insiste que preciso seguir, que há uma vida pela frente. Por ela eu sigo. Por ela seguirei.

OUTRA LINHA RETA

Vitor Ludwig Pereira | Fundação Evangélica de Novo Hamburgo

Minha ida até a escola é como uma linha reta, tem seu início, meio e fim e se repete todos os dias. Mesmo se repetindo, nem todos são iguais: alguns maiores, outros menores, uns mais agitados, outros mais calmos, entre outras características.

Hoje é a linha 68437. Na verdade, já até perdi as contas... Acordei com o mesmo despertador de sempre, tocando sua música mais famosa e ouvida no mundo inteiro: o toque para acordar. Coloquei meu uniforme, tomei café da manhã, escovei os dentes e parti para a escola. A ida até lá é curta, e quando digo curta, realmente me refiro ao seu tempo ínfimo de 5 minutos. Durante o trajeto, eu sempre fico observando o movimento e a paisagem através da janela do carro. O que me intriga é que sempre aparecem as mesmas pessoas, nos mesmos lugares todos os dias, como um idoso que conversa com seu amigo, sempre embaixo das mesmas folhas de árvore, ou também como outro senhor que espera o ônibus com a máscara colocada de maneira errada.

Há vezes nas quais filosofo sobre a vida e o mundo. Teve até um dia em que filosofei tanto sobre a vida e a morte, que eu entrei em pânico e acabei mordendo o cinto de segurança do carro. De qualquer forma, quando subo a lomba da escola, sempre sinto um frio na barriga e um sentimento de felicidade: ao pisar na entrada da escola, sei que fecho uma linha e abro outra, que transformará meu futuro.

SAUDADE

Ana Laura Rabelo | Fundação Evangélica de Novo Hamburgo

Acordo com a música do despertador bem baixa, tão baixa que nem sei como acordo, mas acordo!

Depois de me arrumar e fazer todas as “firulas” que uma adolescente tradicional faz, como passar lápis de olho e ficar me encarando “horas” no espelho, vou até a cozinha. Com despreocupação e leveza, me deparo com... uma manhã vazia! Sou a primeira alma viva acordada, onde residem sete!

Uma manhã agitada não seria ruim. Meus pensamentos vão lá para 2015, numa manhã em que meu despertador foi o carinho leve da minha mãe e que, numa casa com quatro pessoas, havia a agitação de oito. Mãe correndo para um lado, pai para outro; mãe à procura de uniformes para mim e para a mana, pai fazendo café da manhã a todo vapor, e eu e minha irmã, na maior tranquilidade, olhando um bom desenho animado! Ah, a melhor parte: depois de tudo encaminhado, um beijinho de “boa aula”. Ok, hoje tenho 15 anos e não 9 (bem que eu queria...). Então desço as escadas e minha carona chega. Vou à escola – sem aquele beijinho...

SEMPRE O MESMO, MAS DIFERENTE.

Daniel Müller de Araújo | Fundação Evangélica de Novo Hamburgo

Todos os dias, eu saio com o mesmo carro e passo pelos mesmos lugares, mas nunca vejo o mesmo movimento ou as mesmas pessoas. Mas isso não muda o fato de eu sempre fazer o mesmo percurso, não importando se o caminho está supermovimentado ou completamente deserto.

Mesmo que todo dia seja quase o mesmo, eles sempre são diferentes porque algo muda, nem que seja uma pessoa a menos na rua ou uma árvore que floresceu. Esse detalhe, mesmo que irrelevante, pode fazer a diferença no dia de alguém.

Uma pessoa pode ter ido visitar alguém que não vê faz muito tempo ou simplesmente mudado um pouco, uma árvore que recém floresceu pode ser uma coisa bela para os olhos de muitos e uma visão agradável no caminho pro trabalho, mas vai dar mais trabalho para quem limpa a rua.

Todos vivemos o mesmo dia, cada um tem o ponto de vista do “seu dia” e o meu dia não pode ser o mesmo que o seu, por exemplo. Mas ainda é o mesmo dia.

SOBRE VIVER E ESCREVER

Carine Spengler | Escola de Aplicação Feevale

De repente me pego pensando sobre a nossa identidade e a sua relação com a escrita. Penso se todos que não tiveram a oportunidade de aprender a ler, escrever e expressar seus sentimentos, pudessem fazer isso algum dia.

Acredito que escrever é uma maneira de expressar quem somos. Desenvolve as nossas habilidades criativas e emocionais, dentre outras. Faz pensar e refletir sobre o nosso ser e nossa vida.

Às vezes não estou muito motivada a ler algum livro, mas penso que qualquer palavra floresce um conhecimento e um sentimento dentro de nós. Isso não acontece só com os livros, mas se pararmos para pensar, a nossa vida é uma constante leitura, onde, a todo momento, nós estamos lendo o que está acontecendo nela. Acredito que, se muitos se expressassem através da escrita, haveria muito mais escritores. Nós somos o que vem de nós; nós somos o que somos.

TOC-TOC: QUEM É?

João Gabriel Weber Machado | Colégio Estadual Vila Becker

Outro dia, assisti a um filme muito bom: trata-se do fenomenal “TOC-TOC”, distribuído pela Netflix.

A comédia consiste na história de um grupo de pacientes obsessivos compulsivos que precisam conviver com suas manias estranhas no consultório de um médico atrasado. O longa-metragem é excepcional, recomendo fortemente que todos assistam. Inclusive, foi através dele que percebi que essas manias estranhas manifestam-se com frequência no dia a dia.

Na escola, no trabalho ou mesmo em família é cada coisa louca: tenho colegas que incomodam-se profundamente com objetos fora do lugar, nem que por uns centímetros desalinhados. Minha mãe, por exemplo, não pode ver o açucareiro pela metade, já a vi acordando de madrugada para repor o conteúdo. E a coisa vai além: há relatos de gente que não consegue dormir, senão com meias; que organizam o roupeiro por cores; que ficam realmente perturbadas por uma sujeirinha minúscula no chão limpo. Então fiquei pensativo – se todo mundo tem algum “TOC”, qual o meu? Pensei -. E pensei mais um pouco. Eu, de fato, gosto dos meus objetos organizados e limpos, mas nem de longe ficarei demasiado preocupado caso não estejam. Tão pouco com o roupeiro, no meu é só empilhar as roupas, separando as mangas curtas das compridas, já serve. Até que então descobri... portas. Tenho mania com portas.

Sim, elevei o padrão de esquisitice, mas acontece que portas entreabertas incomodam-me profundamente. E se estão fechadas há muito tempo, preciso abri-las para ver o que tem do outro lado. Só que, para abri-las, mais uma regra: se a maçaneta for quadrada, não rola! Descobrir essa mania, no entanto, não foi fácil, visto que é necessário conhecer lugares diferentes dos quais estou habituado. Em casa, no trabalho ou na escola está tudo bem, nenhuma porta entreaberta. Agora, quando em lugares diferentes, a história é outra e o diagnóstico terminal foi no Farol Santander em Porto Alegre.

Para quem não sabe, aquele é um lugar incrível. Trata-se de um prédio antigo, de uns três andares e cheio de salas e ante salas, com portas que levam a algum lugar – e eu queria saber onde. Evidentemente que tentei abrir todas as portas que apareciam pela frente mas, para o meu azar, estavam trancadas. Agora, confesso que o momento mais divertido do passeio pelo Farol, foi quando cheguei no térreo, e lá vi portas não muito comuns no cotidiano: as portas de um cofre. E minha nossa! Que coisa espetacular!

Só para terminar: esse negócio de abrir portas, em minha defesa, é uma aventura. A cada porta aberta, vem outra e mais outra! A questão é descobrir o próximo passo. Sou movido por um instinto aventureiro acompanhado de uma mania esquisita.

TODA DOR QUE HÁ EM MIM

Andrielli Rodrigues Pereira | Colégio Estadual 25 de Julho

Preso nesse casulo, eu me pergunto,
Como uma borboleta voa sem ter asas?

Será que o Pacífico também chora?
Ou apenas esse oceano aqui se deságua.

Meu paraíso de novo desaba.
Me afundo nessas lágrimas sinceras,
Que não escorrem pelo meu rosto.

Tem dores que são necessárias, eu sei,
Mas, era pra doer tanto assim, toda vez?

Me sinto fraca, mesmo sendo forte.
E ser forte é a minha maior fraqueza. Não Belchior, não sou um sujeito de sorte.
Mas também não sou azarada,
Talvez só um pouco confusa e cansada.

Um oceano que chora, é até engraçado.
Mas uma borboleta sem asas, é triste. Como eu explico que sou os dois?
Uma piada e depressiva,
Um passarinho na gaiola, sem saída.

UMA CARTA PARA VIDA

Victor Alexandre Ritter da Rosa | Colégio Estadual 25 de Julho

A cada momento, tu – Vida –, abres a mim um enorme leque de escolhas e possibilidades. Como poderei eu, mero leigo coadjuvante, escolher apenas uma? Tu, vida, podes por favor me dar uma simples esperança? Pois a cada minuto vejo a minha própria esmaecer, assim como o brilho do sol na penumbra. Podes tu, vida, dar-me ao menos um vislumbre de como é ser feliz? Não lembro ao menos o sabor de pronunciar as 10 letras da felicidade. Tu, vida, podes me dar sabedoria? Exausto-me à procura dessa nos versos perspicazes de autores de outrora, contudo não encontro. Devo continuar à procura? Por qual motivo és tu tão parcial, vida? Não raro, vejo muitos "bem-sucedidos", são eles bem-sucedidos mesmo? Ou isto é apenas uma ilusão temporária? Confesso que, por muito tempo, almejei saber essa resposta, hoje sei que isso é mera vaidade e a nada me conduzirá. Será mesmo? Tu, vida, és amiga ou inimiga do tempo? Qualquer que seja a resposta, fato é que ninguém pode desafiá-lo. Pode alguém parar o ciclo da vida? Pode alguém retardar o tempo? Somos apenas os tics e tacs de um relógio, que por sua vez, apenas obedecem a sua lei.

JUVENTUDE ESCRITORA 2023



A ANSIEDADE CAUSADA PELA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Maria Grangeiro | Fundação Evangélica de Novo Hamburgo

Desde sempre, a violência e os massacres em escolas são um grande problema que eu nunca pensei que me afetaria psicologicamente, a ponto de me deixar com medo. A partir de abril deste ano (2023), eu comecei a ouvir notícias quase todos os dias de alunos que levaram armas para escolas e machucaram seus colegas, ou de pessoas que entraram em escolas para massacrar alunos. Comecei a me sentir mais insegura quando ouvi sobre um assassino que invadiu uma creche em Blumenau, em Santa Catarina, que é relativamente perto de onde eu moro.

As escolas de todo o país foram "ameaçadas" de ataques hoje, no dia 20 de abril, e eu estou com muito medo. Mesmo que a escola esteja com muito mais segurança hoje, eu já estava nervosa a semana inteira. Quando alguém abre a porta da sala, eu já olho assustada com a esperança de que seja algum colega voltando do banheiro. Além disso, considero as pessoas que vão ao banheiro corajosas, por não terem medo de dar de cara com alguém armado. Já pensei, inclusive, o que eu faria se alguém entrasse na escola e pra onde eu fugiria. Do meu lugar na sala, eu consigo ver o morrinho pela janela e, de vez em quando, olho para lá, para ter a confirmação de que está vazio e que eu estou segura. Também fiquei com medo de sair para almoçar e andar sozinha pelas ruas e, por isso, almocei na escola.

Eu não tenho medo somente pela minha escola e meus amigos, mas por todas as escolas do Brasil. Quando eu fico nervosa, rezo por minha segurança e por todos os estudantes que também estão tensos e na mesma situação que eu. Sei que esse medo não vai passar de hoje para amanhã, pois agora temos esse risco todos os dias. Também entendo que alguns me veem como louca ou neurótica por levar isso tão a sério, mas eu me considero apenas prevenida.

A BALA QUE ABALA

P.S.P. | E. E. E. M. Bento Gonçalves

Em um certo dia, Vitor – um menino de 14 anos –, depois de tantas angústias, tristezas, sofrimentos e raiva, teve a ideia de resolver todos os problemas de sua vida. Acordou cedo, fez todas as atividades que tinha para fazer, (quase nada, pois faltavam recursos).

Estava disposto a mudar de vida. Colocou sua melhor roupa e ficou pensando qual amigo poderia ajudá-lo naquilo que pretendia fazer. Lembrou do Gabriel, que havia crescido com ele e era esperto e corajoso o suficiente para encarar a situação. Também lembrou do Mateus, que morava na sua rua, e era bastante atrapalhado. Já era noite quando saiu empolgado pela rua abaixo, querendo encontrá-los, já que afinal era o dia mais importante da sua vida. Logo encontrou os amigos na esquina, fazendo nada como sempre. Contou o grande plano para eles, que aceitaram na hora.

Então partiram em direção ao local e iniciaram o assalto. Nervosos, eles tremiam. Emocionados, era uma mistura de adrenalina e medo. Eles não esperavam a presença de um homem ali, este que também tinha raiva e outros sentimentos assim como o Vitor. O homem era um policial, que acabou reagindo, usando sua arma e atirando.

Vitor sentiu o calor na pele do seu braço, pois a bala que o atingiu entrou rasgando, fazendo com que ele sentisse muita dor e medo. Naquele dia sua vida realmente mudou, mas para pior.

Na infância, o jovem gostava de ir ao mercado comprar bala e isso era a sua alegria. Até então, a bala do mercado era a única que o menino conhecia, mas, a partir daquele momento, passou a conhecer outro tipo. Vitor passou a ter uma bala dentro do seu corpo e sabe que terá que conviver com ela para o resto de sua vida. Conheceu a bala que abala qualquer um!

A GAROTA PASSANDO

Gustavo Staudt Franzen | Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha

Sempre a vejo caminhando pelas ruas. É uma garota chamativa, com cabelo rosa e mechas verdes, um pouco fofinha e, acima de tudo, muito motivada. Todas as manhãs, quando vou tomar café em frente à minha casa, ela passa correndo com livros, provavelmente uma estudante. Mesmo nunca tendo conversado com ela, eu sempre faço deduções sobre sua vida quando a vejo.

Um dia, eu a vi colando pôsteres em paredes que diziam: “Você viu este coelho?”. Ela tinha perdido o animal e estava procurando por ele. Infelizmente, acho que ela nunca o encontrou. Outro dia, enquanto estava chovendo, eu a vi novamente, só que agora acompanhada de outra garota, ambas dividindo um guarda-chuva. Eu presumi que elas fossem amigas. Na minha visão, a maioria das pessoas que estão juntas, lado a lado, não são nada além disso.

Na penúltima vez que a vi passando na rua, foi em uma noite escura. Ela não estava passando no horário de sempre, estava “atrasada”. Quando finalmente a vi passar, ela estava sem seus cadernos de sempre e com o rosto deprimido. De onde eu estava, que era dentro de casa, ela parecia chorar. Então, pela primeira vez, eu saí para falar com ela. Ela ficou surpresa quando me viu sair de casa, já que morávamos em um bairro pouco movimentado. Eu estava preocupada com a garota cujo nome eu desconhecia. Perguntei o que havia acontecido e, provavelmente querendo desabafar, ela me contou. Em resumo, eram problemas familiares. Sua família não a aceitava e eles acabaram brigando. Obviamente, tentei entender ambos os lados, disse que eles só estavam preocupados e tentei apoiá-la da maneira que pude, embora não parecesse que eu pudesse ajudar muito.

Levou algum tempo, mas, em um dia inusitado, ela passou novamente. Estava correndo pela rua. No mesmo instante em que a vi, muitas coisas vieram à minha cabeça: perguntas e deduções que, dessa vez, não me serviriam. Eu apertei as mãos, hesitante, pensando no que deveria fazer. E minha escolha foi seguir minha vontade. Saí de casa e fui correndo atrás dela. Quando finalmente a alcancei, após uma breve corrida, ela estava confusa. Por que eu estava ali, ela perguntou. Eu falei que não sabia, e que só queria vê-la de novo. “Você nem me conhece”, ela disse, me achando estranha provavelmente. Apenas respondi que sabia, mas que vê-la passando na frente da minha casa era sempre um momento divertido do meu dia. “Não quero perder isso”, era o que vinha em minha mente, não era a total verdade, apenas o que eu pensava na hora. Por não saber o que dizer, ela repetiu o mesmo de antes: “Você nem me conhece”. Eu respondi que conheço o necessário: uma garota animada, que sempre sorri quando passa, que sempre se vê focada em seu objetivo. “Eu não sou isso”, ela comentou ainda triste.

“Mas para mim você é”, foram minhas últimas palavras. Ela se manteve em silêncio, sem saber o que falar. Disse a ela que deveria voltar para casa e que, se ela quisesse conversar, eu estaria livre todos os dias. Infelizmente, não tive resposta. Eu me virei e fui embora, mas sabia que ela ficava me olhando. Me pergunto qual era seu olhar.

Logo no próximo dia, quando eu já havia voltado para minha casa, eu abro minha porta e vejo a garota de cabelo rosa e mechas verdes em frente ao meu portão, com um sorriso meio constrangido, mas que era realmente feliz para mim.

A MENINA FOGO-ÁGUA

Júlia Dival de Braga | Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha

Foi em vinte de janeiro, quando tivemos de nos despedir da praia, que eu cruzei o caminho do elemento maior que a própria água que dá origem ao mar, o fogo-água.

Vamos voltar para esse dia cheio de primeiros. Vinte de janeiro, eu andava apressado com meu portfólio em mãos, pela avenida Dezoito, para o começo de meu novo emprego quando, inesperadamente, sou alvo de um despejo de água. Não tarde em virar para trás e encontrar com meu olhar fogo cortante, grandes olhos cachoeiras a me encarar. Com espanto, disse “Desculpa!” e, transformando-se em poça, sumiu.

Dia sete de fevereiro, duas semanas depois do acontecimento anormal, novamente ao pegar a Dezoito, observei uma movimentação incomum: pessoas amontoadas. Logo, me tornei parte do círculo, meus olhos curiosos encontraram um homem com a mão queimada e ao seu lado... seria uma menina com fogo saindo de seus cabelos? Agora, reparando nos detalhes, pude notar ser a mesma menina que me molhou, mas, antes que pudesse expressar uma reação, ela balançou suas faíscas, fazendo com que todos se afastassem, sem dessa vez se desculpar.

A avenida já tinha se tornado conhecida em março e, atrelada a ela, a imagem da menina fogo-água, sempre derramando suas gotas e faíscas em todos a sua volta. Porém, dia vinte, estava decidido a não a deixar impune e enquanto voltava do trabalho. Me aventurei no rio que ela era aquele dia.

— Ei, menina! Como pode não ter noção do sofrimento e destruição que traz aos outros? Disse interrompendo seu fluxo.

— Pois achas que faço com intenção? (pude vê-la transformar-se em ondas confusas). Meu pai veio a adoecer no início desse ano e minha mãe não quis lidar com isso, tive de tomar seu emprego antigo para pagar sua saúde e não quebrar o contrato. Acompanhei meu lar perder todas as lembranças construídas nesses meus quinze anos, virar escombros, tive de me tornar nômade. A vida é terrível! Mas se insistem em me culpar por toda essa maldade, então devo mesmo ser uma maldição!

Enfim, deixei de ser cego e passei a olhá-la de verdade. Uma garotinha de apenas quinze anos que teve de se tornar um pilar em casa. É inevitável que fosse como um mar que pegou fogo. Fui tão tolo ao me afastar, assim como tudo e todos na vida fizeram com ela. Havia tomado uma decisão, além de só interromper seu fluxo. Abracei-a e assim selei meu ato de compromisso, maior que qualquer contrato.

— Você não é maldição, é uma cura em meio a tanta doença, seu fogo-água só foi um pouco afetado, mas pode aquecer e acalmar como as “águas de março”.

A NOITE COM AS ESTRELAS

Isadora Vargas Brasil da Rosa | Colégio Estadual Dr. Wolfram Metzler

Tranquilamente, o mar ricocheteava derramando seu som gutural no anoitecer, parando somente no limite entre os grãos de areia e a água salgada. E ali estava ela, contemplando a beira-mar e ponderando como encontrar a essência de seu espírito.

Os lábios dela tentavam acompanhar a melodia que apenas a sua mente conhecia, seus pés tocavam a areia como se estivessem flutuando em uma constelação inteira, sentindo as estrelas iluminarem o seu corpo em mais uma dança.

Era ela, somente ela possuía aquele conjunto de passos dos quais até a lua se deleitava. O vento se apressava em carregar outra vez os cachos dela, em uma lenta sinfonia de sopros incompreendidos, mas ela não se importava. Afinal, a mente dela não estava naquele espaço para praguejar, os orbes dela não se instalavam em um só lugar, ela estava em um canto unicamente dela.

As suas mãos estavam distraídas demais em seu movimentar, de forma que nem sentiram o resvalar das gotículas de mar, tampouco notaram os brilhos do luar na ponta de seus dedos — seria difícil até mesmo para a garota que agora estava com as pálpebras vedadas de enlevo. Aquilo era distinto de qualquer êxtase mundano, algo muito mais intenso, seria deplorável se ela já não estivesse perdida demais nas sensações movidas em seu cerne.

Sua pele brilhava, clamando por mais e mais, sem se queixar da overdose de emoções que os traços cobrindo a epiderme dela causavam e almejavam iluminar aquela noite tão sem comoção. Em dado momento, reparei que se tratavam de incontáveis estrelas, foi ali que nasceu o meu conceito de brilhar. Porque ela brilhava e não havia como eu não a acompanhar, ela me inspirava e parecia estar exultante com isso.

Foi quando eu a vi tocar o cosmos, como se fosse a água que corria contra a maré, parecia travar uma guerra com meteoros que não ofereciam saída daquela escuridão que queimava sobre o ardor da aflição. No entanto, ela soprou todo o seu ar, repleto de destemor, naquelas gigantes rochas espaciais que insistiam em deixar um rastro luminoso e fulgente, e então, pude vê-las levantar ao luar e partir para um novo caminhar. Esse foi o ato mais sublime que a vi fazer.

A sombra dela, agora, voltava a se movimentar como uma celeste, irrompendo todo o caos que já estava praticamente extinto. Uma luz circundava o corpo dela, reluzindo contra o abismo, trazia consigo aquele salpico de sonhos e aparentava desejar estar em seus interesses mais nímios.

Ao passo que ela descobria o que era estar novamente em todo o seu fulgor, o ciclo aparentava se encerrar, de maneira que o novo lampejava ansioso para iniciar. Ela rumou para outros cosmos, se estabelecendo em outro universo, e logo observei ela iniciar esse ciclo desconhecido com o deslumbre em seus olhos.

A VELHA MORTE

Melissa Mahl Selbach | Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha

Era uma vez uma garota triste, uma garota que guardava muita raiva dentro de si. A garota não extravasava, não batia, não gritava. Ela chorava, os sentimentos caindo pelo rosto...

Era uma vez bons pais, que queriam o melhor para sua filha. Eles queriam uma filha feliz e ela, muitas vezes, esperava a morte. Davam-lhe remédios, antidepressivos, ansiolíticos.

Era uma vez uma garota que queria ser normal, ela fazia o seu melhor, mas parecia que nunca seria o suficiente. Ela vivia a vida em livros, nos quais todas as suas preocupações eram meras palavras imaginárias. A garota se esforçava, sorria para os professores e colegas, fingia estar bem para o máximo de pessoas possível. Tentava tirar notas altas, mas, mesmo assim, se sentia insuficiente. Ela queria desistir, porque não desejava ser um fardo ou tão incômoda, não queria gastar tanto do tempo dos demais. Não queria ser tão fria e de sentimentos tão contraditórios.

Era uma vez uma mãe, um elo para a vida. Alguém amorosa, alguém por quem valia a pena viver. Alguém que fez o possível. Alguém que realmente não queria que ela desistisse.

Era uma vez a morte, tão chamativa, cheia de promessas, de esperanças, de um ponto final. O que mudaria tudo e nada. Alguém que sussurrava sonhos em seu ouvido...

Era uma vez uma pobre garota, que ouviu a morte. Sua mãe a alertou de suas mentiras. “A morte é uma velha mentirosa, ela pode parecer sincera, mas, quando traz esperança, ela mente.”

Era uma vez a velha morte que, com suas mentiras, prometeu um paraíso, quando, na verdade, traria um inferno. Ela garantiu à garota que um corte resolveria tudo, apenas sangue derramado e depois a liberdade.

Era uma vez uma garota que não caiu em suas mentiras, uma garota que resistiu o quanto pôde, uma garota que continua tentando todos os dias.

A VIDA À MARGEM

Davi de Souza Soveral | Escola de Aplicação Feevale

Nos becos e vielas, nas ruas e sarjetas,
Vivem aqueles dos quais, de nós,
Não cabe um olhar, um reconhecimento.

Sorrindo, chorando, sentindo...
Estes que são ditos – vagabundos –,
Experenciam a vida assim como qualquer outro,
Sofrem, apanham, são discriminados.

Da margem do nosso mundo habitual,
Surge um mundo inverso,
Onde as simples satisfações da vida não existem,
Onde sentimentos como fome e medo
Se fazem mais presentes do que sentimentos
Como felicidade e esperança.

Essa circunstância da nossa sociedade é
Por muitas vezes ignorada,
Empurrada para debaixo do pano.

Mas aqueles que a sentem
Todos os dias gritam e clamam por um mundo melhor.

É normal todos esperarem um mundo melhor, certo?
Mas essa esperança é de um mundo melhor para si?
Ou para o todo?

ADEUS ÀS LÁGRIMAS

Gabriel Rosa de Souza | Escola de Aplicação Feevale

Seu Adacir, mais formoso do que nunca, em seu terno que raramente usava, aguardava os convidados.

Era o dia dele.

A família então chegou, depois os amigos e as amigas, todos se sentaram e a atenção era inteira dele.

Seu filho, com o discurso em mãos, foi até o lado do pai e começou a falar.

Seu Adacir sempre foi um homem duro, e assim ensinou o seu filho, ele lhe dizia: “garotos não choram”, como aprendera também de seu pai.

Mas ao final do discurso, o garoto não se conteve, e as lágrimas lhe fugiram.

Porém, desta vez, seu Adacir não poderia falar nada.

Já deitado na temida caixa de madeira, com seus olhos fechados, não choraria.

Nem se quisesse.

ÁGUAS TRISTONHAS

Tauane Jaeger | Colégio Sinodal da Paz

Pela tardinha,
A chuva é doce, mas não é esperançosa.
De que adianta uma gota tão pequena,
Em um vasto oceano salgado?

Ao cair da noite,
Tudo se transformou em meu olhar,
De que adianta, em tamanha calmaria,
Se esconder tão fervorosa tempestade?

A madrugada dedico meu mais silencioso choro,
Infelizmente, ele grita.
Ao raiar do dia,
Percebo que ninguém o escutou...

Meu oceano, tão profundo...
Ele chove felicidades escassas,
E lágrimas espessas.

AO LADO DA DOR!!!!

J.V.D.S | E. E. E. Médio Bento Gonçalves

Quando você terminar de ler este texto, talvez morra de rir, talvez não!! Certa tarde, quando tudo parecia tranquilo na instituição Case, o menino John estava lendo um livro quando de repente sentiu aquela dor, mas não deu muita bola e continuou a lê-lo. Passados alguns minutos, a dor voltou com mais força e John ainda não querendo acreditar naquela dor que lhe tomava, apenas pegou um copo de água e bebeu. Após beber, a dor foi insuportável, e então, ele desesperadamente começou a gritar e chutar a porta com muita força, pois gritava que estava com muita dor, e não aguentava mais, John falava que ia morrer!

Com todo esse furdunço, chegou à porta de John os chefes Fábio e Jerônimo, que extremamente alterados, passaram a gritar com ele. O rapaz estava assustado com tantos gritos que ali, naquele momento, os chefes davam. Pois o rapaz tentava se explicar a todo custo, mas não lhe davam ouvidos. Então, o chefe Jerônimo o imobilizou e o conduziu até a sala da chefia. No caminho John berrava! Pelo amor de Deus, eu estou morrendo, preciso de ajuda!

Passados alguns minutos, tantos pedidos de ajuda, eis que veio a enfermeira da casa apavorada com o estado de John. Ao examiná-lo, não percebeu nada de diferente, como febre e pressão alterada. Então resolveu solicitar alguns exames, onde foi constatado que era apenas o dente siso nascendo, dando mais juízo ao rapaz John.

ASAS E CHAMAS

Larissa Dias Gaziero | Colégio Estadual Vila Becker

Suas asas vermelhas,
Tão chamativas e fortes.
Você sabia o que fazia,
Clamando minha atenção.

Um jantar à noite,
Nós dois, sozinhos,
Eu franzindo o cenho,
E você sorrindo.

Sempre ao meu lado,
Queira eu ou não.
Traz a luz à minha vida,
Seja noite, tarde ou dia.

Labaredas azuis,
Cheias de ódio.
Queimam-te, te doem,
Suas asas, agora quebradas,
E a culpa é toda minha.

Mesmo assim, você me apoia,
Me ajuda a reconstruir,
Me ajuda a melhorar,
Queria te ter na minha vida para sempre.

Me importo tanto contigo,
Que quero apenas te afastar.
Mas você é forte e resiliente,
E na minha vida quer ficar.

Você abraça minhas chamas,
O fogo que machucou tantos,
O protege desde a infância.
São as brasas do seu amor.

Serei suas novas asas,
E você, meu braço direito.
Pelo resto de nossas vidas,
Ao lado um do outro.

CARO GONÇALVES DIAS!

**Leonel Milton Gonzalez Mendez | Colégio Marista São Marcelino
Champagnat**

Caro Gonçalves Dias, hoje venho te contar que, da terra
maravilhosa que amaste, nada mais resta para admirar.

Pois o homem com desdém,
sua natureza vem a matar.

Já não vemos tantos rios, nem estrelas a brilhar.

Os pássaros já não mais gorjeiam, como você gostava de lembrar.

As matas verdes viraram concreto, onde
muitos homens moram,

Sem tempo para os pássaros admirar.

E as frondosas palmeiras
por luminárias ele teima em trocar.

O ar não é mais puro,

Pela fumaça dos carros a empestar.

E o céu é mais escuro,
pelas luzes das ruas a ofuscar.

Caro Gonçalves Dias,

Com pesar, te conto que,

Com tudo o que o homem estragou da tua terra amada,

Nada restou.

CARTA PARA O AMOR DO FUTURO

Luiza da Silva | Colégio Estadual Vila Becker

Prezado amor do futuro!

Deixei de acreditar que você fosse chegar até mim, em breves momentos dessa minha vida mas, talvez, o sentido da vida seja sobre superar as adversidades do caminho feito de espinhos e pedras, em que muitas vezes estamos descalços caminhando sobre, para chegar a um determinado local.

Um determinado objetivo que é ver que, cada machucado que nos fez sentir dor, valeu o esforço e por isso doeu ou fez chorar e foi difícil. Se não fosse assim, o objetivo não seria tão valorizado.

Sabe, a vida é sobre estar bem, mesmo estando mal; é sobre sorrir com um pedaço do coração nas mãos, sabendo que ele foi trincado, pois faz parte do processo, e é assim que funciona esse dinamismo chamado vida.

Amor, se me esperou é porque eu valho para você!

Todas as suas dores, atuais cicatrizes, tornaram-se arranhões que adquiri nesta jornada. Posso dizer com clareza, nós valemos cada dor, cada choro, cada coração trincado que se assemelha ao cristal. Pelo sentimento, pela intensidade, vulnerabilidade, nossos corações já apresentavam indícios.

Pensando bem, nossos corações não tem nada de cristal, mas são como fortalezas; são como rochas fundidas que se tornaram mais belas que diamantes, cristais, ou qualquer material precioso.

Nossos corações são tesouros “imateriais” que nos pertencem pelas situações vividas ao longo da vida.

Ah, já estávamos nos esperando, porém não nos foi avisado. E mesmo assim, eu amei essa surpresa. Nossos corações não são mais rocha, mas como o ouro mais valioso e reluzente do mundo, se fundem em uma única peça, pois já fazem parte deste encontro.

Mal sabemos o quanto somos válidos para alguém, até encontrá-lo. Nunca fomos tão valiosos quanto agora. As cicatrizes que dominavam nosso interior não são mais sinônimos de dor, agora são lembranças do caminho que percorremos para nos acharmos, nos encontrarmos.

A vida já sabia disso, mas como ela é bela a seu modo, resolveu fazer surpresa, para que sejamos nós mesmos.

Então, caro amor do futuro, amarei-o muito, assim como você irá me amar, com a mesma intensidade e cumplicidade que desejávamos antes, agora e para o além de nossas vidas.

CINCO MINUTOS

Davi Machado | Colégio Estadual Vila Becker

No momento em que minha mulher percebeu que eu estava quase fazendo parte do sofá, escuto aquelas palavras maldosas em um tom doce.

— Dave, Dave, não durma agora, ainda está cedo!

— Putz, eu estava tão empolgado com a televisão que o sofá me prendeu mais do que o filme.

Meus olhos se abriram lentamente, pois a luz forte da televisão estava embaçando a minha visão.

— Dave, você pode me ajudar com a faxina?

— Claro, já vou.

Logo que respondi, percebi que estava em uma grande enrascada.

Era domingo, recebemos a visita de vários parentes, as crianças só faltavam subir no teto e a casa estava uma completa bagunça. O som da televisão foi substituído por jazz dos anos 60, mas ao invés de relaxar minha alma, a missão havia começado.

Arregaço as mangas do moletom e enfrento uma pilha de louças. Vocês acreditam que eles usaram até as xícaras de porcelana que utilizamos para decoração? Se eu não tivesse avisado, beberiam refrigerante no vaso de cinzas da mamãe.

Louça limpa, agora era encarar o banheiro, sério, minha vontade era de sumir. Se eles sabiam que o menino era intolerante à lactose, por qual razão o deixaram comer pudim?

A privada estava me encarando e certamente, se pudesse, iria rir da minha cara. Depois de várias descargas e quase vomitar, estava tudo limpo. Por fim, faltou passar o aspirador de pó no tapete, mas vou te falar algo, aquele pulguento soltou tanto pelo que fui obrigado a trocar o saco da máquina.

O ambiente estava limpo, tudo o que eu queria era só voltar para o meu sofá. No exato momento em que sentei no sofá, escuto o alarme do meu celular tocando e foi então que percebi que não havia saído dele. Tinha passado apenas cinco minutos.

COISAS DO DESTINO

H.G.V | E. E. E. Médio Bento Gonçalves

Certo dia, Lucas estava passeando no centro de Novo Hamburgo. Em frente ao shopping, ele presenciou um homem que estava assaltando uma linda menina, e viu que a arma que o homem estava era falsa e foi ajudá-la a se levantar do chão e percebeu que ela estava muito machucada, e no mesmo momento, ligou para a SAMU. Mas antes de deixá-la, deu o seu número de telefone para ela e falou que se precisasse de alguma coisa era só ligar. Logo depois seguiu seu caminho e foi para a sua casa.

Uma semana depois, o rapaz verificou em seu celular uma chamada perdida de um número desconhecido, e que, para a sua surpresa, ao retornar à ligação, era daquela linda menina que ele havia ajudado naquele dia. Muito nervoso e sem saber o que fazer, desligou o celular, mas no mesmo instante percebeu que havia feito uma grande burrada, pois havia sentido pela garota algo que jamais teria sentido por alguém, mas desde então nunca mais a viu.

Passados alguns anos, o destino se encarregou de unir os dois jovens. Lucas foi convidado para uma festa de aniversário de uma amiga, que já não via há muito tempo. Ele não se mostrou muito animado em ir à festa, porém, jamais imaginaria que lá também estaria a jovem que tinha se apaixonado. Mas, após refletir um pouco, decidiu ir. Chegando lá, sentiu-se deslocado, pois só conhecia a aniversariante. Todos se divertindo, a música rolando, de repente, começa uma música lenta, e todos os casais vão para a pista de dança, e é neste momento que Lucas decide ir embora, pois se sentia muito só naquele momento. Ao ir em direção à porta, esbarra em uma moça, e ao levantá-la pela mão, tem a grande surpresa: era a linda menina que conhecera naquele incidente. O jovem rapaz, então, não deixa passar essa oportunidade e arranca logo um beijo da moça. Ela retribui o beijo e o convida para dançar!

COMPLICADA VIDA DE CENTOPEIA

Manuela Soares Cornely | Colégio Estadual Dr. Wolfram Metzler

Que pena eu tenho daqueles que
São os vilões das próprias histórias.
Daqueles que complicam seus cursos,
Escolhem as estradas mais tortuosas,
Saem para caminhar nos dias mais tempestuosos,
Colocam a culpa no universo, Num deus,
Na vida.

Ah, que pena eu tenho dos que criam
Seus próprios problemas,
Mas se esquecem de criar as soluções.

Conheci uma vez, uma centopeia.
Que reclamava de suas muitas pernas.
Que reclamava de sua extensão longa.
Que via problema em seu tamanho nanico.
Ela acreditava, no entanto,
Ser a melhor das centopeias,
Então fingia que viraria borboleta:
Ganharia asas e sairia voando,
Rápida, livre, feliz.

Qualquer outra centopeia que observasse,
Com atenção,
Descobriria sua farsa irônica,
E por isso a centopeia virou nômade:
Sempre se arrastando de recinto a outro.
Mentiu tantas vezes que acreditou
Na própria fantasia, e decidiu se
Mudar.

Essa travessa criatura se infiltrou,
Então, num ninho de passarinhos,
Decidida a aprender a voar.
Gabou-se de sua sorte distorcida
Para as centopeias,
Que a viraram a cara e a odiaram.

Quando as aves perceberam sua
Parasita deliciosa,
Encurralaram-na e planejaram
Seu belíssimo jantar.
Nenhuma de suas irmãs se prestou a
Ajudar,
Exceto uma centopeia amiga,
Que pensou que a faria mudar.
Assim, salvou sua vida e saíram
Seguras de lá.

A centopeia, então,
Conheceu uma família de cobras
Magníficas, grandes, devastadoras.
A acolheram.
E então, a centopeia aos poucos
Dispensou sua salvadora,
- O que queria com outra dela se com outras tão grandes podia comungar?

A centopeia foi encurralada novamente,
E desta vez, ninguém tentou ajudar.
Morreu se lamentando de burrice,
- Que burrice!
Morrendo em pecado,
Pois não sabia rezar.

E assim, descansa centopeia.
Lembrança de uma solitária
Que escolheu tudo errado,
E por querer ser tudo,
Não foi nada.
- A centopeia nunca se tornaria nada.

EU SEI

Emilli Behling da Silva | Colégio Adventista de Novo Hamburgo

E eu sei.
Eu sei que só eu sei
Falar de minha saudade,

Que arde,
Que bate,
Que bate forte,
Que dói no peito.

Deito.
Lembro do que tinha feito,
(De ter dito que eu ia parar de falar dela).

Não tenho sorte.
Lembro da dança,
Tenho esperança,
Sonho de criança.

Que arderia,
Bateria,
Bateria forte,
Faria o peito de alvo da lança.

Alvo esse que nem imaginaria a quantidade de pedaços,
De laços,
De caminhos errados
Que se encontrariam.

E a saudade continuava,
Só ardia,
Batia,
Batia forte, no peito doía.

Levando a uma noite de outono,
Onde por mais monótono,
Tinha ela.
E a monotonia com ela,
Não me trazia sono.

E lá vai ela...
Ardendo,
Batendo,
Batendo forte,
Doendo no peito.

Eu peço, imploro para que vá,
Nem eu mais aguento
Tanta saudade que não passa.
Só aumenta,
E é ardente,
Latente,
Bem forte,
Dor grande no peito.
E não para.

Só repete e repete e repete.

GUERRA

Gabriela Leite Souza | Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha

Guerra é ambição, caos e destruição,
São pessoas matando pessoas, em nome de uma nação.
Guerra é agonia, dor e sofrimento,
São pessoas que veem suas vidas pararem no tempo.

Guerras usam armas, usam palavras,
Enterram famílias inteiras em valas comunitárias.
Guerras duram dias, duram anos, viram história,
E sempre haverá alguém para lembrar dos momentos de glória.

Guerras são distorcidas, para favorecer alguém,
Para repetir os erros do passado, como lhes convém.
Guerras têm seus heróis, seus mitos, seus vilões,
Fazem criancinhas se esconderem ao ouvir o barulho dos aviões.

Guerras vêm sem anúncios, na calada da noite,
Almas sobem aos céus, carregadas pelo ser com a foice.
Guerras vêm no inverno, vêm no calor do verão,
Caem mais folhas no outono ou corpos feridos no chão?

Guerras deixam sobreviventes, que levam ela em suas memórias,
Líderes premiam soldados mutilados para celebrar a vitória.
Guerras mudam corações, destinos, transformam olhares,
Será que a medalha no peito compensa o vazio dos lares?

Guerras parecem derradeiras, comuns, inevitáveis,
Tão distante de alguns, mas presente na vida de milhares.
Guerras deveriam ter sido extintas quando chegamos nessa era,
Quando eles irão perceber que somos todos frutos da mesma terra?

HERÓIS

Elisa Belleboni Antich | Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha

Desde o início da humanidade, os heróis se fizeram presentes no nosso cotidiano e devo dizer que foi de grande ajuda a presença destes para a nossa evolução. Heróis têm sentimentos, muitas vezes famílias, mas escondem isso por trás de uma máscara ou disfarce, alguns deles já são mais conhecidos e têm suas identidades secretas reveladas, o que acaba prejudicando as pessoas que eles amam.

O ato heroico de salvar vidas é fundamental para a nossa sobrevivência, às vezes um pequeno ato de bondade faz com que sejamos heróis. Todos temos um herói interior, algo que grita dentro de nós, dizendo para ajudarmos ou até mesmo seguirmos em certos trabalhos, que fazem com que sejamos reconhecidos como heróis de nossa própria história. Às vezes um professor é o herói de um aluno, um artista grande de um artista pequeno, um personagem de um amante de leitura, um escritor de um amante da escrita... Sempre teremos nossos heróis e, um dia, poderemos ser esses heróis, que são exemplo e conforto de muitos. Quem não tem esperança ganha alguém a quem recorrer no seu momento mais difícil. E é aí que entra o questionamento, esses heróis podem mesmo existir? Os heróis sem superpoderes ou armas mirabolantes?

Eu digo que é uma resposta com dois lados: de fato temos heróis sem poderes, temos médicos e vários agentes da saúde; mas também temos a ganância, preconceito, desigualdade e falta de empatia. A sociedade está “doente”, digo isso da maneira mais sincera. As pessoas sentem uma necessidade de tudo ser como elas querem, sentem a necessidade de saber quem são nossos protetores, a verdadeira identidade, mas não é assim que funciona. Devemos confiar em nossos super-heróis, devemos confiar que eles irão nos salvar no nosso momento mais difícil, devemos tentar ser os heróis quando os nossos protetores se veem em dificuldades, devemos ter empatia e mais amor, mas isso falta no nosso cotidiano. As pessoas não se amam, é só desrespeito. É como disse o Coringa: “As pessoas só gritam e berram umas com as outras, ninguém nunca é educado! Ninguém pensa como é estar no lugar do outro cara!”.

Ser um herói significa fazer sua parte na sociedade, ajudando as pessoas da maneira que conseguir, doando comidas, agasalhos no inverno, fazendo parte de uma força maior, ajudando de todas as maneiras que estiverem à sua disposição. Batman uma vez disse: “As pessoas são tão boas quanto o mundo as deixa ser”.

Se o mundo deixar, se a sociedade permitir, podemos ser heróis da maneira que conseguirmos. Vamos lutar contra a maldade, que o Pinguim, Bane, Lex Luthor, Espantalho, Coringa, Charada, Bizarro, Brainiac, fazendo com que todos eles e todos os outros saibam que nós, os super-heróis do cotidiano, os super-heróis de alguém que nos escuta, a voz do povo, os olhos da justiça e verdade, nós podemos ser esses heróis. Que tenham medo quando ouvirem nosso nome. Somos mais poderosos que qualquer um, porque nós podemos falar sem ter medo de ser quem somos. Seja o herói do futuro, seja a voz que será ouvida, os olhos da justiça e os ouvidos do povo, seja um herói.

Lois Lane, *Planeta Diário*, 01 de maio de 2023.

HUGINNE MUNINN

**Henrique Edgar Krummenauer Delaix | Colégio Marista São Marcelino
Champagnat**

Do canto da sala da minha janela,
Há nuvem passando,
Juntando-se ao aglomerado,
E formando um palácio nos céus com suas semelhanças.

Enquanto na sala da espiritualidade se fala,
Os propósitos vêm e as indagações também.
Mantenho-me assim,
Pois não tenho ninguém nesse entra e sai, nesse vai e vem.

Só aceito o que é bom ao divino,
como já disse, não me dou a esse dom.
Mas, visitei a beleza daquele palácio de rei.

Passam observando-me atentamente,
Sempre a eles nada escapa, nada se esconde.
Perdura o dia como a noite.

Então penso:
Como a minha mente aguenta esse peso?
Que sempre reporta-me sem falta nem tropeço,
À medida que amadureço.

Vocabulário:

Huginn: Na mitologia nórdica significa pensamento;

Muninn: Termo da mitologia nórdica que significa memória.

INFÂNCIA DE LIBERDADE

**Lourdes Helena Machado de Souza | Colégio Marista São Marcelino
Champagnat**

Lembro-me com nostalgia da minha infância, de um tempo em que a vida se abria no horizonte. Lembro-me da minha casa enorme, vastos campos verdejantes. De quando ia para a escola e não tinha mochila. Carregava um único lápis e um caderno em um saco plástico de açúcar cristal de cinco quilos. Eu era tão feliz! Adorava estudar.

Depois da escola vinha os deveres da casa: juntar gravetos para minha mãe acender o fogo de manhã cedo, limpar a cuia de chimarrão para mais tarde tomar chimarrão com meu pai. Ele com a cuia dele e eu com a minha. Tenho guardada até hoje a minha bomba de chimarrão de prata pura, uma verdadeira relíquia.

A minha mãe sempre atarefada, pois fazia tantas coisas deliciosas. Entre as minhas preferidas, estava o doce de goiabada no tacho de cobre. Depois dele pronto, minha mãe me dava a colher de pau que tinha usado para mexê-lo e eu a lambia. Todas as manhãs, ela tirava o leite das vacas e levava-me um copo de leite com canela na minha cama para eu beber. Ele ainda estava morno e eu bebia antes de levantar-me.

Adorava dar milho para as galinhas, comer bergamotas, laranjas lima e trepar nas árvores. Andava a cavalo, de carroça, pulava amarelinha, jogava Cinco Marias e muito mais coisas que fazia e hoje tenho saudades. Foi um tempo em que fui muito feliz, pois tinha minha família perto de mim. Levarei estes momentos até o final da minha vida. E quando meus netos quiserem me ouvir, contarei a eles como foi a minha infância.

INÍCIO DO FIM

Nicoli Mirandoli | Colégio Sinodal da Paz

Conto meus dias por noites.
O que é fim para alguns, é início para mim.
E o meio termo do início e fim, o trajeto,
É tão mal aproveitado por alguns,
Mas tão bem admirado por mim.

De um fim, surge o início,
Do início, uma jornada,
Da jornada, obstáculos,
Possíveis superações.

E então o fim dessa caminhada.
Mas criei o meu próprio caminho,
E dele, observo o outro,
Observo principalmente a ignorância dos que os seguem.

Acabo rindo disso, apesar de lamentar.
Mas me questiono se de lá também não riem de mim,
Também pouco importa,
Nos encontramos no mesmo fim, é engraçado pensar.

Trajetos tão opostos, fins tão certos,
É a ironia da vida,
O sarcasmo do futuro.

LUA

Isadora Roos Almeida Pereira | Colégio Adventista de Novo Hamburgo

Queria falar com você, ultimamente tu és a única que aparenta me ouvir.
Queria a ti cantar, poesia te clamar, quando sozinha estou, tu és a única
que podes me escutar chorar.

Quero só te olhar, nesse plano escuro infinito, onde não consigo mais me achar.
Tu roubas a cena, tão calma, tão plena, como a única protagonista desse
meu singelo poema.

Tu sabes os meus maiores temores,
mais obscuros medos, mais temidos amores.

Minha confidente singular, esse seu esplendor me faz pensar, quero
essa sua pureza de olhar, leveza, belo luar, que me leva para outro lugar,
a quilômetros de distância, junto a esse lindo estrelar.

MARATONAS

Mabel da Silva Panozzo | Fundação Evangélica de Novo Hamburgo

Tem gente que nunca descobre que está em uma corrida. E tem gente que nunca para de correr. Aqui na terra, assim que se chega ao mundo, já se calça o sapato e começa. No início, nunca é a gente que corre, até porque bebê não entende nada ainda, mas os pais já estão de olho, e a criança que aprende mais rápido, sai na vantagem. Mais lá pra frente, no ensino fundamental, fica mais claro quem tá mais pra frente e quem tá mais pra trás. Dá pra ver nos números que vêm nas provas e na quantidade de amiguinhos que querem passar a hora do lanche com você. Tem gente que nessa idade já percebe que tá correndo, e tem criança que tá ocupada demais brincando pra perceber que os pés estão mexendo.

No ensino médio é quando muita ficha cai, o adolescente percebe que vai ter que tomar uma decisão. Antes, era só correr reto, mas, depois da escola, a pista se desdobra em vários caminhos, e é preciso decidir em que direção tu vai querer seguir. Tem os caminhos mais seguros, aqueles em que o chão é feito de cimento e a paisagem é sempre a mesma coisa – mais ou menos bonita – mas, pelo menos, tu sabes que ela nunca vai ficar mais feia. Tem aqueles caminhos muito lindos, mas em que, no início, o chão está sujo com sabão, tem que ter cuidado pra não escorregar. Tem pistas feitas de madeira bamba, mas que, se correr com foco, pode-se chegar na pista feita de ouro. E muitas outras, mas, em nenhuma delas, você consegue ver a linha de chegada e nem pelo que a pista passará.

É depois dessa escolha que, normalmente, se perde a visão dos outros competidores, aí a gente só descobre em que pista eles estão anos depois, quando acha a conta deles nas redes sociais ou em um jantar de reencontro da turma.

Mas, mais importante: tem gente que só percebe a pegadinha da corrida quando chega na linha de chegada, e percebe que não tinha prêmio nenhum no fim da pista, e o verdadeiro presente era o percurso.

MEU AMOR

Thevis Zidane Martins Tomaz | Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha

Eu vivi, vivi da melhor forma que consegui.
No início imitei, imitei o amar dos outros,
Menti, menti para mim mesmo,
E briguei, achando que ia chegar a algum lugar.

Mas não só não cheguei a lugar algum, como matei a mim mesmo.
Matei o meu eu, na tentativa de ser como os outros,
Mas eu era criança, eu era puro, não tive culpa.

Mas em tão pouco tempo de vida, aprendi.
Aprendi que aprender com os outros é desaprender sobre si.
Pois os outros vivem uma doce mentira, que esconde o amargo viver.

Um dia até amei, julguei que me amariam,
Mas não só não me amaram, como não sei se amei de verdade,
Pois o amor moderno é vago e fraco.

Decidi tentar me amar, pois sabia que esse seria correspondido.
Decidi viver, sem medo de sofrer,
Decidi não esquecer, a quão caótica e incrível, a vida pode ser.
E decidi desaprender o que os homens me ensinaram a ser.

O AMOR QUE FAZ FALTA

L.L.M.C | E. E. E. M. Bento Gonçalves

Hoje eu estava sentado em uma praça quando um jovem veio com um jornal que tinha uma frase que me deixou pensativo: “O que é o amor?”.

Na hora fiquei até triste porque lembrei da minha infância. A metade do tempo passei sozinho porque minha mãe e meu pai nunca tiveram amor por mim. Nunca tive o amor de ninguém da minha família. Com o passar do tempo fui aprendendo a viver sozinho. De vez em quando fico pensando qual a minha caminhada nesse mundo tão estranho.

Sei que Deus tem um futuro para mim e quando estou rezando até pergunto nas minhas orações qual o motivo de eu ter nascido, ou por que nasci em uma família assim. Hoje mesmo vou fazer dez anos. Poderia ser um dia feliz, mas quando acordei não tinha ninguém em casa e nenhum presente. Parecia que eu nem existia.

Quando eu fui para a escola achei que ninguém iria se lembrar do meu aniversário, mas quando cheguei na sala, a primeira coisa que fizeram foi cantar Parabéns. Naquele momento fiquei sem jeito porque pela primeira vez, alguém se lembrou de mim. Na hora comecei a chorar de emoção. Mas voltando ao assunto, peguei aquele jornal e levei para casa. Sei que em um mundo onde você está solitário é mais difícil, mas para mim isso é normal. Quando estou vindo da escola eu venho chorando porque na rua vejo muitas famílias preocupadas com seus filhos e eu quando chegava em casa, nem um Bom Dia eu ganhava e parecia que muitas vezes eu nem existia.

Quando eu cheguei em casa com o jornal, a primeira coisa que fiz foi ir direto para o meu quarto. Quando abri a porta, lá estava o meu pai sentado na cama. Percebi que ele estava bêbado, mas, mesmo assim, perguntei com educação se ele estava bem. Ele então me disse duas coisas que nunca esqueci. Ele disse que queria que eu nunca tivesse nascido e que eu nunca seria nada, que eu era um lixo. Quando ouvi isso, saí correndo com uma tristeza imensa e isso me deixa mal até hoje.

Aos vinte anos, tive minha primeira esposa, e foi quando minha vida mudou, pois foi com ela que aprendi o verdadeiro sentido da palavra “amor”. Hoje, aprendi a valorizar todos que me cercam e até mesmo aqueles que nunca me deram valor, e a felicidade não tem dinheiro algum que possa comprar. Então, valorize as pessoas, pois você nunca vai saber quando pode perder alguém.

O JARDIM ÁUREO

Vinícius de Moura | Colégio Sinodal da Paz

Com o soar do vento de primavera, as flores se vão como os bens da vida, após a luta de uma toda, visando persistir por dias mais calmos e felizes junto às outras do jardim. Em plena estação de despedida e desespero de alguns, as flores passariam seus dias restantes ora lamentando-se, ora pensando no próximo fim. Entretanto, havia uma que se destacava dentre as outras, seu nome era desconhecido, mas um de seus pseudônimos é Dourada, embora prefira ser chamada de Áurea.

Entre as alternativas de lástima, Áurea não escolheu nenhuma delas mas sim manteve sua fé como prioridade até neste momento.

Em meados de outubro, a penumbra tomava o céu de maneira constante, assim criando um véu sombrio sobre o lindo jardim. Todas as flores já cediam diante à ameaça da destrutiva tempestade, as pétalas já sem esperança despedaçaram ao chão e os caules aderiram ao solo, sem tentativa alguma de resistência. Por mais que a situação fosse desesperadora e as flores cedidas ao chão estivessem no seu entorno, Áurea não deixou nada abalar sua fé. O caminho do lindo jardim abriu espaço para um jardim ermo e sem vida, com exceção de Áurea, que manteve a alegria dentre seu alcance.

Quando a penumbra tomou o céu por completo e o jardim abdicou do direito de ter esse nome, com as flores já sem vida, o lugar sem alma e o solo infértil. Diante desse cenário, Áurea continuou persistindo em sua fé, acreditando que, o que um dia já foi chamado de jardim, voltaria a ser lugar calmo e feliz. Com o passar do tempo, a solidão, aos poucos, tomou o restante da sanidade de Áurea.

Ao perceber que suas esperanças haviam desaparecido, Áurea só pensava em como sua vida era boa até o momento da tempestade. Mas acabou descobrindo que, mesmo na fase mais feliz de sua vida, ela não tinha um companheiro que estivesse junto a ela em momentos como este. Só com o pensamento desta realidade, que Áurea ainda não havia vivenciado, sua esperança voltou. E assim, Áurea desejou o fim da tempestade com toda a fé que encontrou.

Ao recuperar os seus sentidos e olhar ao redor, Áurea percebeu que toda vida do jardim voltou, não só isso, mas também todo o jardim foi contaminado por sua fé, se tornando um jardim áureo.

O MÉDICO ATRAPALHADO

K.B | E. E. E. M. Bento Gonçalves

Certa manhã, acordei muito atrasado para a escola e com uma dor no braço. Então, decidi tirar proveito disso e ir ao hospital ver o que estava acontecendo. Chegando lá e fiquei 2 horas na fila para ser atendido, até que chegou 9 horas e a enfermeira me chamou para triagem. Entrando lá, fui atendido e lá realizou um exame em mim e me pediu para esperar nos bancos ali na recepção até que meu exame ficasse pronto. Após trinta minutos, ela me chamou e me conduziu até o consultório do doutor. Chegando lá, ao me sentar naquela cadeira, de frente para o médico, ele me falou:

— Você está com um sério problema e tem que ser resolvido às pressas!

Então perguntei ao médico:

— E o que seria esse problema doutor?

Respondeu ele:

— É um tumor e passarei você para uma cirurgia o mais rápido possível.

Fiquei sem entender nada, mas pensando se é para meu bem, tudo certo, mas também pensei que, se tivesse ido à aula, teria sido mais vantajoso pois não teria que passar por uma cirurgia dessas. Neste momento, a única coisa que vinha na minha cabeça era de que eu precisava contar para a minha mãe, porém, ela morava em outra cidade. Liguei para ela e quando dei a notícia, ficou desesperada e disse que viria o mais rápido possível.

Neste meio tempo, a enfermeira me chamou para iniciar os preparativos da cirurgia. Chegando lá, eram muitas luzes e fiquei assustado, mas o médico que ali estava tentou me acalmar, então fui sedado e dali nada mais vi.

A cirurgia estava em andamento e neste meio tempo a minha mãe chegou no hospital ansiosa por notícias minhas. E eu, já na sala de recuperação, acordo com a enfermeira me chamando, e ali ela me diz:

— Quando você estiver melhor, está liberado!

— Como assim liberado? Não tenho que ir para o quarto me recuperar?

— Na verdade não houve nenhum procedimento cirúrgico!

— Como assim? E a cirurgia? E o meu tumor?

— Na verdade houve um grande engano moço, e por muito pouco não operamos o paciente errado, pois o seu caso, era apenas uma dor muscular! Aqui está a sua receita e seu atestado médico! Quando se sentir à vontade, sua mãe o espera na recepção!

E então confesso ter ficado sem entender nada, e até agora estou sem acreditar em tudo que passei. Tudo isso, devido a uma justificativa para o meu atraso na escola.

Cheguei à conclusão de que não devemos deixar de ir à escola por um simples atraso, pois a sua vida pode mudar num piscar de olhos!!!!

O QUE É AMOR?

Emily Sulzbach | Colégio Estadual 25 de Julho

Eu odeio o amor, não pelo fato de não o ter, e sim pelo tanto que ele machuca pessoas que imploram por um pouquinho dele. Muitos correm atrás das migalhas dele, talvez eu seja uma destas pessoas também, que se humilham e machucam para poder senti-lo.

Mas a falta dele, às vezes na infância, piora as coisas. Fingir que se despreza o sentimento, quando na verdade, só queria um pouquinho dele. Eu conheço pessoas que têm o amor, seus olhos brilham quando veem o amado, que mesmo em brigas ou desentendimentos, se resolvem com um simples beijo e uma frase:

— Eu te amo!

Ela não é fácil de se dizer para qualquer um, mas um alívio tão grande quando ela sai de seus lábios pela primeira vez. Eu já disse pra alguém uma vez, e era tão real! Eu a tinha distante de mim, mas quando eu a vi, quando eu ouvi isso de seus lábios pela primeira vez, a sensação era de paz.

Mas, às vezes, a sensação não dura, e você só quer gritar e pedir por aquilo de novo. Pedir pelo amor como se não tivesse a ressaca do desconto na bebida no outro dia. Tem um poema meu sobre o amor que diz assim:

O que é amor?

Pode ser uma conexão por laços,

Ou algo ligado à atração sexual,

Mas, amor não pode ser algo casual?

Dizem que o amor é pra sempre,

Porque então, na maioria das vezes, ele morre?

E por que dói?

É como ser assassinada por alguém que eu me apaixonei.

Mas, amor não é pra sempre. Talvez seja tortura a público livre,

Que te corrói por dentro, mas apenas vista por nobres,

Nobres pobres de atenção, querendo lhe ver sendo morto por dentro,

Morto de amor.

Particularmente, com minhas vivências, eu acho que eu nunca amei realmente alguém na questão de paixão. E isso dói em mim, pensar que as paixões que eu já tive não passaram de meras aventuras que em pouco tempo acabaram. Sim, eu quero sentir, mas, e se eu for torturada? Tenho medo de amar, e não ser amada de verdade.

O amor é lindo, quando se sabe nutri-lo de verdade. Mas, quando é desprezado, vira sujo, sem paixão, mas um fingimento sem par, como se tivesse tudo bem. Mas não está!

E uma simples mentira resolve tudo.

Eu te amo!

ONDE ESTÁ VOCÊ, MALDADE?

Lorenzo de Andrade | Colégio Adventista de Novo Hamburgo

Onde está você,
Senhora da tristeza?

Onde está você,
Senhora da dor?

Onde está você,
Que já não podemos ter heróis para te findar?

Escondida nos lençóis,
Com medo da luz,
Do fogo que vem,
Para te queimar...

O que houve com o povo,
Que não lhe vê?

Que não sente medo,
Que acredita,
Que reza,
Que confia?

Você é sempre,
A faca na manga,
O veneno na bebida,
A palavra que espanca...

Mas que agora,
Sem rosto,
Amacia.

OS POETAS AMAM

Marieli Taila Antunes | Colégio Estadual 25 de Julho

Os poetas amam de uma maneira tão intensa,
Com palavras que tocam a parte mais profunda de meu ser,
Com rimas que dançam em perfeita melodia,
E versos que fazem da minha alma a própria poesia.

Eles escrevem sobre o amor que transborda o peito,
Sobre a dor que nos sufoca,
Sobre a beleza que nos insiste em fazer sorrir,
E sobre todos os sentimentos que temos para sentir.

Os poetas amam com todo o seu ser,
Com alegria, tristeza, loucura e prazer,
E nos mostram que o amor é a maior insanidade para qual podemos nos perder,
E por isso sempre haverá poesia a se escrever.

OS VISITANTES DO ZOOLOGICO

Luiza Zatti da Cruz | Colégio Estadual Vila Becker

Quando as pessoas olham para um pinguim, elas veem um ser desengonçado e pateta, que se comporta de formas estranhas e difíceis de entender. Ele é inadequado, e por isso é engraçado. Seu normal não seria agir como tal?

Da mesma forma, quando mais novo, eu acreditava que minhas ações e pensamentos eram ordinários porém, as outras crianças, discordavam. Eu era um pinguim e elas eram os visitantes do zoológico.

Acho que nunca vou esquecer os olhares direcionados a mim quando caminhava sem balançar os braços, os protestos quando eu não entendia algo e perguntava para a professora, as risadas durante a educação física, ou as falas debochadas que eu não entendia como deboche. Por anos me perguntei porque minha existência era tão inadequada, tão ofensiva na visão deles.

Eu era um pinguim e esse era o único jeito que eu sabia viver. Comecei a imitar os outros. Mexer os braços quando andava, rir quando eles riam, acenar com a cabeça quando alguém falava, mudar o tom de voz dependendo do assunto. Eu treinava sorrisos no espelho, copiava falas de personagens da TV, pesquisava na Internet como parecer mais agradável. De repente, o jeito que as pessoas me tratavam mudou. Ninguém me via como uma inconveniência ou motivo de risada. Agora eu era simpático e agradável, alguém fácil de se dar bem, “extremamente carismático”, como já ouvi. Eu era um pinguim fingindo ser gente, a maioria não percebia.

Mas, quando alguém percebia, um olhar que eu conhecia muito bem, estampava o rosto do indivíduo: uma mistura de nojo, incomodo e escárnio. Um olhar que logo era substituído por um sorriso falso e, se o sujeito estivesse acompanhado, uma risadinha direcionada ao outro, que geralmente era correspondida. Era um lembrete cru e brutal, de que eu nunca seria uma pessoa como eles.

Apesar disso, duas perguntas não saíam da minha cabeça: Por que precisamos agir como humanos? Afinal, eles não precisam se comportar como nós. E se realmente agíssemos como eles, não obrigá-íamos todos a fazer o mesmo? Essas questões me fizeram perceber que ser gente nem era tão bom assim, quer dizer, se ser gente significa tratar os outros como eu era tratado, entre desprezo e estranheza, prefiro continuar sendo um pinguim.

PRIMEIRO DIA

Francisco Flores Eilert | Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha

Vinte e sete de fevereiro, a caminho da escola. Tudo ainda era novo: até mesmo o motorista me surpreendeu ao escancarar a porta da van, depois de andar por muito e estacionar frente a Expointer. “Viu, Francisco?! Agora o pessoal desce e vai em outro ônibus, aquele ali atrás!”, foi o que me disse, apontando para um micro-ônibus. Eu não era eu. Me vi quieto, assustado e incomodado. Pode-se dizer que, talvez, o incômodo tenha sido gerado pela algazarra e as “panelinhas” ali. Os demais sentimentos certamente somaram-se ao incômodo inicial. Mas o que realmente me animava era o trote – mais tarde reconhecido como não autorizado pelo coordenador – feito pelos veteranos, na escola.

Entretanto, o trote, que era a melhor parte do dia, tornou-se “anojável” a partir da pintura de veteranos e companheiros de van indesejados. Todas as equipes gincaneiras da escola se faziam presentes em meus braços. Tentei manter a calma e o controle ao máximo porque, afinal, “Eu sou bixo, preciso aproveitar”. Braços pintados, desconforto, ansiedade do primeiro dia: minha mente já se encontrava em outra galáxia ao chegar na escola. De cara me encontrei com uma amiga da internet. Quis passar confiança e, incrivelmente, funcionou. Companheiros de curso e colegas da escola me cercaram de carinho e acolhimento. Finalmente, sem que percebesse, o “Chico” comandava.

Eu era, agora, tomado por uma alegria que somente alguns conseguem despertar em meu coração, como uma bombinha ao ser arremessada ao chão: sentimento único e espontâneo. Entre abraços e sorrisos, ao reconhecer rostos das redes sociais, desenhos e demais mensagens foram depositados em meus braços. Grosseiramente, o sinal que apontava o fim do recreio gritou. Aula. Não faço ideia de quando Química se tornou tão insuportável. Nunca gostei de nada que envolvesse as ciências exatas e, conseqüentemente, nada que trouxesse números. Ainda assim, após dois períodos torturantes de “O que é massa?” e um intervalo de tempo substituído por veteranos no curso de que faço parte, para apresentar a escola, o último período foi livre. Chico retorna.

De fato, creio, o primeiro dia norteou meu cérebro: já sei, intuitivamente, onde posso ser eu mesmo. Comprovei a tese ao tomar o trajeto de retorno com a Van. Tudo de novo: o desconforto e seus frutos. Os fones foram meus melhores amigos no percurso e o som que saía deles me fez pensar que o sentimento ruim que me invadia era causado pelas pessoas da Van. A parte automática do cérebro me faz desbloquear o celular e tranquiliza-me – apavora também. Ao ver a data atual, me remete uma lembrança: é o primeiro dia de aula.

REFLEXÃO SOBRE O BRASIL DE HOJE

Alcides Huf | Colégio Marista São Marcelino Champagnat

Salve o Brasil da Esperança
da Esperança de esperar
Quem espera sempre alcança
está difícil de acreditar...

A Esperança de esperar
é suprimida pelo tempo
junto ao verbo acreditar
por constantes maus exemplos.

Salve o Brasil da Esperança
e da ordem e do progresso
a Esperança é somente esperar
as promessas do Congresso...

Mas se não mantermos a Esperança
pouco ou nada nos restará
Com a Esperança e com as ações vem a mudança
Para o nosso país melhorar.

SÓ ACONTECE COMIGO

P.H.F.F. | E. E. E. M. Bento Gonçalves

Na semana de Natal, a creche do bairro decidiu fazer uma festa com as crianças, os pais e eu, recém-chegado na cidade. A minha família morava ali já fazia um ano. Tínhamos uma vizinha muito bonita na casa da frente, e nós já tínhamos trocado alguns olhares, mas nada além disso. Naquela festa eu estava decidido sobre ir conversar com ela!

Chegou o grande dia, meu pai e meu irmão foram primeiro para a praça e eu fiquei me arrumando. Me arrumei e fui, quando faltava uns dez metros para que eu chegasse lá, avistei a Júlia em um canto, beijando um menino. Naquele momento eu fiquei sem saber o que fazer, pois eu planejava abrir o meu coração para ela naquela noite. Mas baixei a cabeça e fui para a praça ver meu irmão em sua apresentação. Quando acabou a apresentação, me sentei no banco da praça e fiquei tomando refrigerante por alguns instantes e foi aí que apareceu uma menina muito bonita de cabelos curtos, olhos azuis e aparelhos nos dentes. Ela veio em direção a mim e me pediu para cuidar de sua bolsa. Eu disse que sim, e ela saiu. Quando ela voltou, começamos a conversar.

Conversa vai, conversa vem, nos conhecemos e ela disse que se chamava Steffany. Após uma boa conversa, acabamos nos beijando e começamos a caminhar em volta da praça e, quando se encaminhava para o final da noite, uma Hilux prata encostou do nosso lado e a chamou. E ela me disse que era a sua mãe, logo, eu fiquei ali, apavorado com o que a mãe dela poderia pensar naquele momento, mas a Steffany disse:

— Minha mãe é “de boa”!

Foi então que resolvi conversar com a mãe dela. Conversamos um pouco, nos conhecemos, e a mãe dela falou que tinha que buscar seu filho. Então, a Steffany disse para sua mãe me dar uma carona até a minha casa, que era na quadra de cima. E sua mãe concordou, pois tinha que buscar o filho que estava na mesma rua em que eu morava. Entramos no carro, e fomos até a minha rua, foi aí que uma coisa estranha aconteceu! Ela parou o carro bem na frente da casa da minha vizinha, olhou para mim e disse que o filho dela estava ali com a sua namorada.

Nesse momento eu congelei, não sabia o que fazer, olhei para a Steffany e disse que precisava ir logo, mas quando eu saí daquela caminhonete prata, olhei para frente e vi a Júlia abraçada naquele menino “que era irmão da Steffany”, ou seja, a garota que eu acabara de conhecer!

A Júlia me olhou, e nesse momento, eu não sabia, se ria ou chorava, mas dei um tchau! Me despedi da Steffany com um beijo, dei meia volta, atravessei a rua, e entrei em minha casa!

SOLDADO 19

Aline da Luz | Colégio Marista São Marcelino Champagnat

Em uma roda de conversa na igreja, durante um momento religioso, meu sobrinho, que agora é pastor, antigamente era soldado, relatou um fato curioso que presenciou.

O soldado 19 estava fazendo sua ronda noturna, neste momento ouvia e sentia o balançar das árvores pelo vento, de repente ouve seu capitão lhe chamar.

— Soldado, preciso que você patrulhe hoje à noite no quartel.

— Sim senhor! Falou o soldado e assim seguiu.

Enquanto patrulhava, veio ao seu encontro, desesperadamente, um de seus companheiros que grita:

— Socorro, socorro! Estão atacando o quartel!

O soldado 19 então responde:

— Calma, guerreiro. O que houve?

— Enquanto estava fazendo minha patrulha na parte sul, jogaram um tijolo em minha direção.

Falou o companheiro em agonia.

— Tá, soldado! Respire e fique por aqui enquanto faço a ronda da parte sul.

No momento em que o soldado se dirigia ao local, a escuridão e o silêncio dominavam o ambiente, tanto que podia ouvir o som de seus passos e do vento a soprar. Ao chegar não avistou nada de perigoso, apenas o tijolo.

Então, por volta das 3 horas da madrugada, já cansado da rotina, vê uma luz ao longe e exclama.

— Auto lá! Identifique-se! Senha guerreiro, senha...!

Como ninguém responde, ele diz novamente.

— Auto lá! Identifique-se ou vou atirar! Falou com tensão em suas palavras.

As luzes estavam se aproximando, mas nenhuma resposta vinha do outro lado.

O soldado 19, já apavorado, apontou o seu fuzil, porém, quando estava prestes a puxar o gatilho, as luzes estavam próximas o suficiente para que pudesse identificar o que era.

Foi então que ficou abismado, pois era apenas uma “gangue” de vagalumes. Passado o susto, deu boas gargalhadas, continuando sua ronda até o amanhecer. Em alto e bom som diz, já aliviado:

— O medo nos paralisa e nos faz ver coisas!

TARDE

Carolina Becker Baumgaertner Mattoso | Escola de Aplicação Feevale

Em um final de tarde ensolarado, Catrina observava o Sol ir embora para longe do seu campo de visão. Para a jovem de apenas 11 anos, isso já era rotina.

É apenas uma estrela grande e muito quente para nós, humanos. Talvez pequena demais para outros.

A menina acreditava que o Sol representava esperança e recomeço – poucos pensam desse modo, mas saber que o Universo segue os eixos (mesmo quando algo muito ruim acontece), pode mostrar o quão insignificante nosso problema é, e que, em breve, as coisas poderão ficar bem.

De volta a seu beliche, pegou o seu livro de capa amarela (como achava que era a cor do Sol), e leu mentalmente. Assim, não correria o risco de enfurecer os terceiros – os terceiros não são seus colegas de quarto. Logo integrou-se a um sono profundo.

Às 19h em ponto, os guardas refizeram a contagem diária. Pararam especificamente ao lado do beliche de Catrina, colando um papel encapado escrito de caneta: “10/11/1944”.

Uma senhora de fios escuros e longos, provavelmente por volta de 60 a 70 anos, dormia na cama de baixo. Na de cima, uma garotinha ruiva de 5 anos, com sua mãe, que devia ter uns 30 anos de vida, brincavam de bater palmas.

Aquele número não era nada menos do que uma lembrança imperceptível que todos ali vinham com validade.

Catrina não entendia, mas estava nas mãos do tempo... até ser levada à câmara de gás e aos fundos de um local com muitas outras pessoas, já sem vida.

UM SONHO DESTINADO À VINGANÇA

Victória Grendoski dos Santos | Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha

Uma alma quebrada,
Em uma vizinhança,
Talvez em um lugar,
Que possua um pomar,
Em que os frutos sejam a vingança
E a árvore esteja desequilibrada.

Em meu sonho,
Havia uma fita vermelha.
Amarrada em meu dedo,
Que sempre me provocou desejo,
E uma paixão,
Paixão incontrolável,
Por aquele de quem eu morria de medo.

Quando as cortinas
Se fecharem,
Lembre de mim.
O seu eterno talvez,
Meu amado carmesim.

Meu mundo roxo,
Cheio de violetas,
Onde as canaletas,
São só um lugar.
Onde você pode admirar o luar.
E os pomares são um baú,
Que guardam vários penares,
De pessoas que desejam sonhar.

Entre rosas vermelhas,
Com suas pétalas jogadas ao chão,
Noto gotas de seu sangue,
E uma faca em minha mão.
Agora amor,
Poderei ter seu coração?

E como no outono,
As folhas caem
E, minhas palavras, se fazem pó.

VERDADES PARA SEMPRE

Manuela Flores Becker | Escola de Aplicação Feevale

Uma história um tanto inusitada. Num reino distante, uma menina de 17 anos. Descendente da realeza, personalidade um tanto intrigante. Fazia muitas perguntas, que muitas vezes não tinham uma resposta (ou ao menos uma de que gostasse). Sua família era tradicional, com costumes a serem seguidos, para não destruir seu legado – “casamento é sinônimo de hierarquia”.

Seus questionamentos moldaram seu modo de enxergar as coisas. Quando seus pais a apresentaram para o príncipe do reino de..., percebeu inconscientemente que a linguagem de sua família era completamente diferente daquilo que defendia como princípio. Para ela, ele era um sapo, pois não atendia aquilo que desejava. Seus pais o apresentaram pois queriam que se casassem. Para ela, seu mundo havia acabado.

Correu para o jardim botânico de seu condomínio e acabou perdendo seu sapatinho; quando parou para pegá-lo, notou algo estranho – uma lâmpada, a mesma que aparecia em seus livros de romance. Seguindo o que os livros diziam, foi a um local que aparentava ser escuro e a esfregou três vezes, foi aí que apareceu sua fada-madrinha, que logo a surpreendeu com esta revelação:

— Você é mais parecida comigo do que imagina. Eu também me questionava se deveria me casar e ser a sucessora do trono real. Ou ser feliz independente da decisão? Infelizmente, não segui meu coração e acabei aprisionada nesta lâmpada até que você me libertou. Mas isso é uma longa história. O que importa é que você possa seguir seu instinto e abrir o seu coração. Além disso, você é muito nova para assumir tamanha responsabilidade de um cargo desse.

Ao retornar à sua casa, a jovem conversou com a sua família e abriu o jogo. Para sua surpresa, a receberam bem, mas queriam entender o porquê não havia falado antes, e ela disse:

— Fiquei com medo de me tornar uma decepção pra vocês, porque vocês não percebem que buscam algo tão padronizado que ficar fora desse padrão parece ser imperfeito.

A reação de seus pais após a fala foi de choque, mas acabaram entendendo e a acolheram. Dois anos depois, o príncipe encantado entrou para a lista de cantores de rock mais ouvidos da revista Rolling Stones. E ela... bem... ela saiu a descobrir sua felicidade sozinha.

E enfim... todos viveram com verdades para sempre.

VOCÊ MULHER!

A.G.N.M. | E. E. E. M. Bento Gonçalves

Uma mulher é maltratada e vocês olham para o outro lado!
Ela grita de dor, clama por socorro!
A violência ronda, enquanto mais uma vítima se cala, se esconde,
E nós aqui nos poupando, “vamos fingir que não estamos olhando”.

Mais uma mulher é maltratada e nós, mais uma vez, olhando para o outro lado!
Quem somos nós, que nada fazemos e só olhamos para o outro lado!
A injustiça nos incomoda, mas, mais uma vez, olhamos para o outro lado!
É necessário que alguém se levante.

Que alguém grite por menos injustiça porque, se não,
É preferível que, em um grande incêndio,
Toda cidade desapareça,
E assim, toda mulher maltratada, de toda sua dor, se esqueça!



FIM

